

ANNO II ANNO II * Therezina, 31 de Maio de 1913 * FASC. 5

L LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

VOL. III

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

THERESINA

SUMMARIO: -- *O idealismo philosophico e o ideal artistico*—Hygino Cunha; *O supremo desprezo*—João Pinheiro; *A superstição do amor*—Silva Mendes; *O príncipe dos poetas brasileiros*—Oiro—Alcides Freitas; *A criação cavallar no Brazil, e o seu futuro*—R. Fernandes e Silva; *O sangue das rosas*—Abdias Neves; *O bocca de fogo*—Arimatheia Tito; *Clarão da luz sobre o mar*—Da Costa e Silva; *Controversias Constitucionaes*—Abdias Neves; *Sombras*—Felix Pacheco; *Terra da luz*—Jonathas Baptista; *Bibliographia.*

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
THERESINA

Imprensa Official

PIAUHI

1913

e da bôa doutrina. Acabamos de o ler com a sympathia que nos merecem o talento e a illustração do autor.

LUIZ E SILVA. *Colonização*. Therezina. Em 36 paginas desenvolve o autor a demonstração das vantagens de uma corrente immigratoria que traga sangue novo ao Estado e lhe dê o contingente de suas aptidões no desenvolvimento de nossas riquezas naturaes. E' um folheto escripto com enthusiasmo, por um espirito moço e ardente illuminado pelo sonho da nossa grandeza e da nossa hegemonia. E, não raro, consegue communicar-nos os seus sentimentos.

E', assim, uma leitura agradável, interessante, suggestiva, que todos farão sem esforço, e que merece ser feita pelos piauienses de coração.

Recebemos ainda:

Do Paraná—*Voz de krotona*, n.º 5 e 6, interessante publicação do «Instituto Neo-Pythagorico»; *Ramo de Acacia* (organ. maçom. do I. N. P. da C. F.) n.º 32 e *Patria e lar* uma e outra dirigidas por esse espirito scintillante, que é Dario Velloso—dos que mais nos merecem pela estima e pela admiração que lhe votamos, justificadas pela fraternidade intima, mantida apesar da distancia que nos separa; do Rio—*Sciencias e letras*, o esplendido *magazine* de Clovis e Amelia Bevilaqua; *Boletim do Grande Oriente do Brazil* e o *Economista brasileiro*, a magnifica revista semanal de Felisbello Freire; *Revista americana*, bello numero consagrado a Rio Branco; de S. Paulo—o *Livre pensador* e a *Lanterna*, dois jornaes que se impõem pelo desassombro das idéas no combate ao clericalismo; do Maranhão—o *Diario Official* &. Do Estado tivemos as seguintes publicações—*Cidade de luz*, bem cuidada revista do gremio «Raymundo Correia», a *Gazeta*, o *Aviso* (Picos), a *Voz do Sertão* (S. João), &.

RAOUL DE LA GRASSERIE, o notavel publicista francez, escrevendo a Abdias Neves, de Rennes, França, prometteu mandar-lhe uma pagina inedita para a *Litericultura*.

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

VOL. III

ASSIGNATURAS:

Um anno (para a capital)	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro	12\$000
Numero avulso	1\$000

CASA "AMIBIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA



Imprensa Official

PIAUHI

1913

(Biblioteca Pública)
TESES

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

PEREGRINA

13-A-2

O IDEAL ARTÍSTICO E O IDEALISMO PHILOSÓPHICO (*)

Ao lado e a par do grande desenvolvimento científico do século, nota-se o incontestável despertar do sentimento religioso, mau grado a descrença que lavra nalgumas escolas philosophicas. O phenomeno religioso não interessa somente aos crentes ou aos scépticos, aos adversarios ou aos fiéis de uma seita; interessa igualmente aos epigraphistas, aos ethnólogos, aos philosophos, como interessa aos theólogos, aos estudiosos em geral, a todos os que se esforçam pelo melhoramento intellectual e moral da sociedade. O estado pôde ser absolutamente incompetente em relação aos negocios da igreja, e nem por isso esta deixa de influir e ser influenciada por todos os phenomenos sociaes. «Colombo—são palavras de Edmundo Scherer—não pôde desembarcar na America, Copernico não pôde mudar a astronomia, Cuvier não pôde reconstruir fósseis, Bopp não pôde escrever uma grammatica comparada, Wolf não pôde dissertar sobre os poemas homericos, ninguem pôde tocar em uma questão, fazer uma descoberta, propôr uma hypóthese, sem que o dogma seja interessado.» Arthur Orlando, outro lídimo representante do germanismo no Brasil, escreveu em 1906: «Quaesquer que sejam os progressos realizados pelo homem, por mais que tenha crescido o seu poder sobre a natureza, por mais que o imperio das leis tenha restringido o dominio das vontades individuaes, a ver-

(*) Veja o fasciculo de 30 de abril.

dade é que a religião continúa a representar papel preponderante no espirito humano. Não raras vezes, ao lado da negação intellectual está a affirmação do sentimento; não raras vezes, no cérebro de um livre pensador está a alma de um religioso... Emquanto neste mundo de injustiças e iniquidades o homem imaginar alguma coisa de superior ao que actualmente existe, o destino humano terá alguma coisa de finalístico, teleológico, e a religião será sempre uma poderosa alavanca social, como presentimento ou revelação de um ideal mais elevado, a que não cessa de aspirar a humanidade». Não passa um anno, sem que saiam dos prelos do mundo obras e mais obras sobre o problema religioso ou a historia das religiões. E' uma bibliotheca formidavel, absorvendo a attenção de todos os estudiosos. Criticando a recente obra de Miguel Mello sobre Eça de Queiroz, premiada pela Academia Brasileira de Letras, disse Sylvio Romero em setembro ultimo: «Elle, como Eça, ao que parece, considera a religião como a criação matreira de padres velhacos». Pensô por modo diverso, modo inspirado nas longas leituras que pude fazer da critica mythica ou religiosa, nas paginas de MaxMuller, Calani, Reuss, Michel Nicolas, Réville, Scherer, Breal, Renan, Kuenen e tantos outros. Depois, a theoria das *creações fundamentais e irreductiveis da humanidade* veio demonstrar-me que a religião, producção normal de profundos impulsos da alma humana, é tão digna de respeito quanto a sciencia, a moral, o direito, a arte, a sã politica, nas suas inspirações superiores. Que se diria de um poeta, de um romancista, de um dramaturgo, de um artista, que viesse, à face da humanidade, sempre reverente deante dos grandes genios seus bemfeitores, chasquear de um Platão, de um Aristóteles, de um Descartes, de um Newton, de um Kepler, de um Leibnitz, de um Kant, de um Dante, de um Milton, de um Shakespeare, de um Byron, de um Goethe, de um Phidias, de um Miguel Angelo, de um Raphael, de um Bethoven, de um qualquer dos mais sublimes genios da politica, da philosophia, da sciencia, da arte, das grandes invenções, todos esses que têm servido ao homem para mitigar-lhe o caminho de dôres? Metteria horror!... Pois bem: não vejo motivo para se abrir excepção contra os eminentes creadores de religiões, almas de escól, que têm consolado e embevecido a humanidade, no correr dos séculos: um Moysés, um Buddha, um Confucio, um Zoroastro, um Christo, um Mahómet, um Luthero.» Já se vê que estamos em boa companhia, sustentando a perennidade do ideal religioso.

Uma das consequencias Moraes deste ponto de vista superior é a tolerancia para com todos os cultos que não offendam os bons costumes, nem perturbem a ordem publica. Uma

vez que nenhum credo tem o privilegio da verdade e que todos têm um fundamento e um alvo essencialmente humanos, é natural que todos se respeitem, independentes e harmonicos no convívio social. Bella flor do espirito novo, a tolerancia é a mais importante conquista da civilização. Nenhum de nós tem o direito, nem o poder de impôr as suas crenças a outrem, isto é, forçal-o a ver como nós próprios vemos.

IV

Pergunta o dr. Abdias Neves: «Vai morrer a poesia?» E responde: «Vai. Desapparece com o termo do movimento idealista que acompanhou, até hontem, os impulsos da civilização. Não é, pois, sómente o verso que morre: è tudo o que a nossa idealização, nos surtos para o infinito, veio creando.» E, depois de varias considerações contra as artes esthéticas, diz: «materializamo-nos com o desapparecimento do que Renan chamou *a ancia do infinito* . . . O homem, entregue aos instinctos inferiores, enquanto a condemnação biblica se não executa, enquanto não volta ao pó da terra, esmaga a alma em satisfação ás exigencias do corpo.» O seu materialismo é o mesmo que E. Hæckel fulminou sob a denominação de materialismo dos costumes ou ético e nada tem de commum com o materialismo scientifico ou monismo. O primeiro cultivava «os instinctos inferiores», o prazer material, sem os nobres intuitos da verdadeira virtude moral. E' o opposto do ideal christão, que despreza o corpo em proveito da alma. Isoladamente cada qual é erroneo e condemnavel. A verdade está na conciliação dos extremos: *mens sana in corpore sano*. Esse materialismo ético é a glorificação do egoismo torpe e exclusivista, sem o correctivo e as expansões do altruismo, que faz a grandeza do homem como parte integrante da familia, da patria, da humanidade e de todos os seres.

V

Não ha palavra menos definida do que o ideal. No entanto, procuraremos dizer algo delle. O ideal na arte é o conjuncto abstracto das perfeições, de que se faz idéa, mas que se não pôde attingir completamente, o modelo ideado ou sonhado pela phantasia do artista ou poeta. M^{me} de Staël disse: «nós reconhecemos a belleza quando a vemos; ella é a imagem exterior do ideal, cujo typo está em nossa intelligencia». Schiller additou: a «arte só se torna verdadeira abandonando completamente o real para se tornar puramente ideal». Todo creador tem um ideal, modelo interior que se esforça por

manifestar na obra. Platão admittia um ideal absoluto, padrão universal, por onde se julgava toda a belleza, o ideal dos ideaes, a unidade do ser, o esplendor da verdade sem ornatos, em sua casta nudez.

A poesia é por excellencia a energia creadora do ideal, porque comprehende todas as artes, não tendo limites nem no tempo, nem no espaço, e abrangendo todo o vasto dominio da natureza, tanto os phenómenos da materia como os do espirito. Esta concepção vai de encontro a certas idéas. «Ha sem duvida ahi um certo quê de extra-utilitario que não poderá agradar áquelles, a quem o habito das discussões positivas e a exaggeração das doutrinas materialistas têm feito sectarios da dogmatica do egoismo». E' este justamente o ponto de vista dos nossos adversarios, que só visam a satisfação das necessidades physicas ou puramente intellectuaes. Que lhes importam os aspectos esthéticos dos campos, do mar, da vida e do firmamento?

Duas são as maneiras de comprehender e interpretar a humanidade e o mundo: o optimismo e o pessimismo. Para os adeptos da primeira todos nós vivemos no melhor dos mundos, governado pelo genio do bem; para os sectarios da outra, tudo vai de mal a peor, sujeito aos caprichos do genio do mal. Mas para julgarmos os actos e as coisas ruins, é preciso que haja um criterio baseado no bem ou no melhor. «O optimismo torna-se assim, a condição necessaria do pessimismo, de modo que, sempre que deduzimos da observação da realidade uma concepção pessimista, a esta se oppõe necessariamente a imagem ideal de um mundo mais perfeito, que existe, sinão na realidade, pelo menos em nossa imaginação. Esse mundo ideal é uma esperança e uma consolação para os que soffrem, ao mesmo tempo que é a condemnação perpetua dos maus». Essa visão ou sonho de um porvir melhor é a característica a do homem superior e a condição de todo o progresso. Sem ella a sociedade resvalaria para a desordem e o cahos em franca dissolução irreparavel. O ideal é que nos impelle para regiões desconhecidas, á busca da felicidade, quer se trate dos bens terrenos ou da bemaventurança eterna.

VI

Conta Guyau que, certa vez, no fim de uma refeição em casa do pintor inglez Haydon, o poeta Keats levantou a sua taça e propoz o brinde seguinte: «Maldita seja a memoria de Newton!» Os assistentes admiraram-se e Wordsworth, antes de beber, pediu-lhe uma explicação. Keats respondeu:—

B. L. 1104 - Itensculhura - 191 (Enc. 2) - 31 de agosto

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
T. I. N. A.
264

O IDEALISMO PHILOSÓFICO E O IDEAL ARTÍSTICO

«Porque elle destruiu a poesia do arco-iris, reduzindo-o a um prisma». E bebeu-se a maldição de Newton.

A poesia das coisas está, pois, realmente destruída pelo seu conhecimento científico? Em outros termos, a sciencia é incompatível com a poesia? E' o que havemos de elucidar.

Abrimos um compendio de esthetica e nelle encontramos: «Poesia é a linguagem da paixão viva e animada, quase sempre sujeita a uma medida regular.» Sempre que somos agradavelmente impressionados ou uma profunda commoção nos abala o animo, desperta-se-nos o estro e elevamo-nos ao vôo sublime das creações esthéticas.

A poesia é quase sempre expressa em linguagem métrica e melódica; mas ha muitos trechos de prosa, a que se não pôde recusar a inspiração poética. A poesia, como a oratoria e a prosa escripta, é uma subdivisão da arte da palavra, e uma das seis bellas-artes, sendo as outras cinco—a esculptura, a pintura, a architectefura, a musica e a dansa.

O magno problema que vamos discutir agora, tem sido formulado nos leamos seguintes: A poesia ainda tem razão de ser deante dos avanços scientificos?

VII

Coisa curiosa: os detractores das artes e especialmente da poesia não são os scientistas profissionaes, os que estudam directamente a natureza para surprehender-lhe os phenomenos e determinar-lhe as leis segundo os processos logicos da inducção e deducção. Nem ta npouco os verdadeiros philósophos, os architectos de systemas que sobre os dados colhidos pelas sciencias particulares formulam uma concepção do mundo e do homem, unificando completamente o saber adquirido. D'entre estes até alguns materialistas myopes do mecanismo puro e dos instinctos inferiores rendem preito aos ideaes superiores da humanidade, incongruencia que prova a falsidade da doutrina que professam. Num A. d'Humboldt ou num Spencer, ninguem encontrará sinão a glorificação e o realce dos ideaes da verdade, da virtude e da belleza, as três deusas da nova religião monista. No *Kosmos* (1845—1852), que foi, por assim dizer, a biblia das sciencias naturaes no século XIX, alliam-se as considerações esthéticas ás scientificas, sobresahindo a relação íntima que une o gosto apurado da natureza ao «fundamento científico das leis cósmicas» e a importante contribuição de ambos reunidos para elevar a creatura humana a um mais alto grau de perfeição. Nos *Primeiros Princípios*, o codigo fundamental do evolucionismo, encontram-se capítulos edificantes sobre a evolução das artes,

desde os seus primórdios até aos dias actuaes. Nenhuma palavra de desanimo sobre a morte do ideal. Ao contrario, todos os verdadeiros naturalistas consideram as manifestações moraes, esthéticas e religiosas como as mais nobres qualidades do espirito humano.

Os nihilistas da poesia e da arte, que se arrogam o direito de falar em nome das sciencias naturaes, ou são os dilettantes da erudição livresca, tal como Ernesto Renan no seu *Avenir de la Science*, ou os novellistas criticos de costumes como Gustavo Flaubert na sua *Tentation de Saint Antoine*. Nem uma, nem outra destas obras deram a estes dois escriptores a justa nomeada de que gozam; mas sim os *estudos* do primeiro *sobre as origens do christianismo* e a analyse social e psychológica do segundo sobre o adulterio de *Madame Bovary*. No entanto, as suas diatribes contra a poesia correram mundo nas azas da fama adquirida por est' outros trabalhos. Antes, porem, de enfrental-as resolutamente, devemos expôr algumas noções ácerca do fundamento psychológico da poesia.

VIII

Observando os elementos que concorrem para a determinação dos actos humanos, no decurso de toda a sua evolução, desde as épocas prehistóricas até á mais alta cultura, encontram-se dois principios fundamentaes, combinados com a multiplicidade infinita de causas objectivas: o interesse e a paixão, a fome e o amor, o egoismo e o altruismo. Todo o trabalho da humanidade, em todos os tempos e logares, tem tido por objectos—ou a satisfação das necessidades corporaes para a conservação do individuo, ou a satisfação das necessidades intellectuaes para o conhecimento do mundo e o governo dos povos, ou a satisfação das necessidades affectivas para a conservação da espécie. Desses troncos primordiaes é que se esgalham todas as ramagens da civilização. Ahi estão incluídas as *creações fundamentaes e irreductiveis* de Sylvio Romero. É preciso, porem, destacar um elemento, que, tendo por base necessidades affectivas, constitúe, por sua vez, um ramo florescente da arvore magestosa. «O homem não precisa sómente conhecer e dominar a natureza: admira, e precisa traduzir a sua admiração; sente, e precisa manifestar o seu sentimento». Ao lado das necessidades physicas e intellectuaes, estão as necessidades esthéticas, expansão do extincto biológico do amor. «Nestas condições—diz o dr. Farias Britto—o homem, cercado de duvidas, rodeado de incertezas, na grandeza, nos gosos, como na miseria e no soffrimento, e, em qualquer situação, tendo sempre deante dos olhos o espectáculo maravi-

lhoso do mundo, sente agitar-se, dentro de si, um poder desconhecido que o transporta: enthusiasma-se, canta, suspira e chora». E' o dominio das artes, da poesia e do ideal. E' o que não querem ver os sectarios do materialismo egoista. Para confundil-os citemos algumas palayras de E. Haeckel: «Basta ter os olhos abertos e os sentidos exercitados. A natureza, que nos rodeia por toda a parte, apresenta-nos uma profusão superabundante de bellos e interessantes objectos de todas as espécies. Em cada musgo ou cada vergonhea d'herva, num bezoiro ou numa borboleta, um minucioso exame nos fará descobrir bellezas, deante das quaes, ordinariamente, o ignorante passa sem fazer caso. E, si os observamos com uma lente, ou, melhor, com um microscopio, descobriremos mais completamente ainda, no mundo inorganico, um mundo novo cheio de bellezas enxotaveis... O espirito misturado de assombro, com o qual nós contemplamos o céu estrellado e a vida microscópica numa gotta d'agua, o receio, de que nós apossamos quando estudamos os effeitos maravilhosos da energia na materia em movimento, o respeito que nos inspira o valor moral da lei de substancia — tudo isso constitúe outros tantos elementos da nossa *vida da alma*, que são comprehendidos sob nome de *religião natural*». (9) E' esta a lingua-gem sublime de todos os legitimos representantes das sciencias naturaes. Spencer exprime-se no mesmo tom grandiloquo e eloquente.

Ha quasi dois mil annos, o philósopho Anaxágoras ensinou que o sol era um corpo em fusão, uma pedra incandescente, blasphemia, que lhe valeu uma condemnação á morte, que foi commutada em exilio graças ao prestígio de Péricles. A análise espectral dos nossos dias, estudando os metaes igneos das estrellas, destruiu as divindades, que as habitavam. Nem por isso, o sol e as astrellas perderam o seu encanto poético e deixaram de ser um manancial inexaurível de inspiração. A fascinação da luz continua a arrebatar todas as maginações creadoras. E' a luz que revela o brilho encantador dos olhos, seus productos naturaes, a vastidão do firmamento, os crepusculos indecisos, alvoradas da vida e dubiedades da sombra, a noite e o dia, symbolos da morte e da resurreição, eternos como a propria natureza; é ella que faz mover os ventos e os rios e os mares, distribuindo o calor vital a todos os seres; que faz vibrar todas as notas do concerto universal, perfuma as flores, enbalsama os prados, reverdece as searas e entumece o seio da mulher amada; que move os astros nas suas orbitas e os vermes nos seus lodos; que faz ribombar o

(9) *Enigmas do Universo*, trad. portugueza, Porto, 1908.

trovão ao choque das nuvens, donde jorra a faísca eléctrica, deante da qual todos os homens se têm curvado como a origem da propria divindade e á qual os poetas, até os cegos como Homero e Milton, entoaram hymnos immorredoiros. A natureza é um poema eterno, illuminado pelo clarão dos sóes infinitos. A luz é o principio e o fim de todas as coisas.

Hail, holy Light! offspring of Hævan first-born,
Or of the Eternal co-eternal beam,
May I express thee unblamed? since God is light,
And never but in unapproached light
Dwelt from eternity, dwelt then in thee,
Bright effluence of bright essence increate.

(*Parad. Lost*, III.)

Ainda ha pouco tempo, a ultima obra poética, que teve repercussão mundial—o *Chantecler* de E. Rostand, mostrou-se invulneravel aos venábulos da critica mais severa por duas ódes, uma á noite e outra ao sol, as quaes, por si sóes, seriam bastantes para immortalizar o autor. Alguns annos antes, G. Junqueiro produziu a *Oração á Luz*, em que a sciencia mais adeantada se identifica perfeitamente com a poesia mais perfeita. Onde, pois, a guerra de morte entre ambas. A verdade é que em todos os tempos os grandes poetas tambem foram cientistas a seu modo, sob pena de não terem sido entendidos nem pelos contemporaneos, nem pelos pósteros.

Temos o proposito de evitar as citações em versos para não alongar demasiado este trabalho. No entanto, vamos abrir mais uma excepção, para uma descripção da manhã. O assumpto é coetaneo da propria poesia, mas não perde nunca o seu enlevo, quando tratado por um espirito superior. Vêde si a sciencia physica sobre a luz contradiz a belleza do quadro artistico.

Depois de uma noite povoada de assombros e phantasmas pavorosos, em que se deram as mortes de *D. João* e sua amante numa viella immunda, G. Junqueiro põe esta chave de oiro ao seu immortal poema:

«Passou a ventania.
As estrellas dormentes, fatigadas,
Cerram á luz do dia
As mysteriosas pálpebras doiradas.
Vai despontando o rosicler da aurora:
O azul sereno e vasto
Empallidece e córa
Como si deus lhe dêsse
Um grande beijo luminoso e casto.

A estrella da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai p'lo azul um cântico vibrando
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céu que está cantando».

Os dois sentidos esthéticos do homem—a vista e o ouvido, têm-se aperfeiçoado consoante a sua evolução sobre a terra. Os gregos até Demócrito e Pythágoras só conheciam quatro côres: branca, preta, vermelha e amarella. «A côr mais delicada que nos delicia na contemplação do céu—informa Tobias Berreto—o azul *ceruleo*, a côr predilecta dos artistas, que hoje racionalmente se associa á idéa de uns bellos olhos de moça loira, foi uma das ultimas, sinão a ultima, adicionada pela retina humana ao espectro solar.» E estuda a evolução das sensações visuaes e auditivas. Spencer faz tambem um interessante estudo evolutivo sobre a música. E o cérebro, que é o receptáculo de todas as sensações e o laboratorio de todas as idéas, augmentou em volume e em potencia funcional. Tudo isto prova que o homem civilizado está cada vez mais apto para os gosos da vida ideal.

Si do mundo externo ou objectivo passarmos a contemplar o mundo interno ou subjectivo, as maravilhas da consciencia são tão assombrosas como as magnificencias do firmamento, fornecendo vasto campo de exploração aos psychólogos e aos poetas. Shakespeare immortalizou-se na exposição trágica das paixões humanas. Só o amor é e sempre será o eterno thema de obras impereciveis.

Si lançarmos as vistas para o turbilhão da vida social moderna com as suas guerras internacionaes, com as suas arrojadas empresas commerciaes e industriaes, com os seus partidos politicos e as suas aspirações de réformas, veremos a sciencia illuminando tudo, e as artes e as religiões, tomando parte activa no banquete da civilização.

IX

«O reino da esculptura acabou—disse Renan—no dia em que se deixou de represental-a nua. A epopéa desapareceu com a idade do heroismo individual; não ha epopéa com a artilharia». E o dr. Abdias Neves, abundando nas mesmas idéas, mas com mais recrudescencia, reeditou: «Lá, não me recordo onde, que a artilharia matou o heroismo. O canhão, com effeito, acabou, para sempre, a possibilidade de um renascimento da cavallaria. O combate não se faz mais em ca-

vallos cobertos de fitas, frente a frente, a lançadas e furibundos golpes de gigantescas durindanas. Ninguém se expõe, satisfeito de ficar esartejado—em homenagem ao seu Deus e á sua Dama. Os modernos recursos assassinos da guerra deram ao homem um bocadinho de amor pela pelle. E sómente nos trópos da eloquencia patriótica se faz do peito o *escudo das balas disparadas contra o coração da patria*. No dominio dos factos, quando as balas sibilam e os canhões trovejam, a situação é outra. E não ha quem chame covardia o proteger o peito por detraz do primeiro tronco de arvore, reservando-o para a missão gloriosa de trazer, mais tarde, as medalhas com que a patria agradecida recompensará a bravura da prudencia». Tomem nota os militares profissionaes; quanto a nós, que somos profanos, apenas pedimos licença para discordar.

Nós já não temos cavallarias andantes, nem castellos feudaes, nem damas encantadas e côrtes de amor como na idade media; mas o culto da belleza, da bravura, da patria e do dever com sacrificio da propria vida, existe ainda felizmente em pleno esplendor. Que o digam os soldados de Napoleão e Nelson, de Molke e Mac-Mahon, de Togo e Rodjestivensky, de Caxias e Lopez e de todas as guerras dos ultimos tempos.

A artilharia não é uma invenção moderna; sempre existiu como arma de guerra. Desde que o homem pôde arremessar um pau, uma pedra ou outro qualquer projectil contra o inimigo, fez-se artilheiro. A carabina Mauser é o ultimo estádio do arco, prolongamento da mão e do cacete. O selvícola brasileiro lançava uma flecha inflammada dentro da aldeia inimiga, com o fim manifesto de incendial-a. Eis o germen do foguetão, das bombas explosivas e das machinas infernaes. E' neste sentido que se comprehendem os versos de Lucrecio:

Arma antiqua, manus, unguis dentesque fuerunt,
Et lapides et item sylvarum fragmina rami,
Et flammae atque ignes postquam sunt cognita primum.

Tradução em vernáculo:—«As primeiras armas foram as unhas, as mãos, as pedras e os ramos de arvores; em seguida a chamma e o fogo, quando foram conhecidos».

A cavallaria appareceu muito depois, quando o homem conseguiu domar o precioso solípede. Póde-se, portanto, afirmar, sem receio de erro, que o uso das três armas de guerra data de tempos immemoriaes. Traçar-lhe a evolução até hoje seria um trabalho excessivamente longo, para o qual não temos tempo, nem competencia, e que não vem ao nosso caso. O que nos importa é sabermos que a lueta á distancia, procuran-

do fazer o maior damno possível ao inimigo, sempre existiu na tática bélica. «Proteger o peito por detraz do primeiro tronco de árvore» ou de algum rochedo, é um acto instinctivo, commum a todos os animaes, mas que no homem deu lugar ás palissadas, caixaras, ás trincheiras, ás fortalezas, aos coiraçados. A covardia não está em: utilizal-os no momento do perigo, uma vez que elles tambem pôdem ser conquistados com as repectivas guarnições. A covardia está em desertar o posto no momento agúdo da lucta. Mas todos estes artificios de guerra, em todos os tempos, hontem como hoje, nunca impediram em absoluto o choque face a face, corpo a corpo. Todos os progressos das armas modernas não conseguiram evitar este extremo sanguinolento. As cargas de cavallaria e de infantaria, os quadrados, as abordagens no mar, a esgrima entre officiaes inimigos, são ainda manobras vigentes na arte da guerra actual. Si o heroismo só consiste nisso, o heroismo ainda não desapareceu com a artilharia, cujo uso vem de muito mais longe. Mas esta virtude excelsa, a coragem, a bravura, não é apanagio exclusivo do guerreiro. Em que é que os herões da força bruta excluem os herões da idéa, os apóstolos da sciencia, da religião e do direito? Como dar aquelles privilegio sobre estes? Os symbolos da civilização moderna não são o Coliseu, nem o S. Pedro de Roma mas o museu de South-Kensington, onde se vê a machina de Watt e a locomotiva de Stphenson, mas o gabinete do sabio, mas o *atelier* do artista, mas o escriptorio do jurisconsulto, onde se doutrina o povo sobre os seus direitos e deveres. O seu ideal não pôde ser a guerra, que tem por código o odio e o exterminio, mas a sciencia que collima a solidariedade universal, de que as exposições e os congressos são esplendidos expoentes. No entanto, a guerra ainda continúa a ser uma dura necessidade dos tempos modernos, é ainda e o será por tempo indeterminavel. Até á conquista da paz universal, o heroismo guerreiro será uma necessidade e uma virtude gloriosa.

A Europa empunha o sceptro da civilização. A sua luz é tão intensa que se irradia por todos os outros continentes. É uma vasta officina do trabalho em todas as suas manifestações. Mas é tambem um vasto acampamento. A sua população é a mais guerreira de todas as que existiram ou existem sobre o globo. Mantem *em pé de paz* cerca de 5 milhões de homens em armas, e pôde pôr *em pé de guerra* cerca de 25 milhões. Todos os dias novos coiraçados de maior tonelagem e mais formidaveis canhões são lançados ao mar. Pesadissimas contribuições são lançadas ao povo para o custeio desta paz armada. «A Europa—diz Novicow—atingiu, emfim, o

ponto culminante do militarismo e nunca a arte de matar chegou tão longe; as applicações mechánicas, que alteraram todos os ramos da actividade social, são tambem immensamente applicadas nos nossos exercitos; os progressos, que temos feito na economia política, e nas demais sciencias, em vez de enfraquecerem a nossa organização e material militares, asseguram-lhes, pelo contrario, immensa superioridade. ¹⁰ A concordia e a federação europeas prégadas por alguns espiritos de escol não passam de miragens fugidias no meio do fragor das armas. Esse fragor mortífero transpõe os oceanos e va repercutir na America, na Oceania e no Extremo-Oriente. Póde-se dizer que a guerra paira, como um abutre sinistro, sobre todos os continentes. As phalanges macedonicas, as legiões romanas, as hordas dos Atilas e Tamerlans, comparadas com os exercitos modernos, parecer-nos-iam tropas ridiculas. E tudo isto, para que? Simplesmente «para proteger o peito por traz do primeiro tronco de arvore, reservando-o para a missão gloriosa de trazer, mais tarde, as medalhas gloriosas, com que a patria agradecida recompensará a bravura da prudencia»! Mas os factos provam inteiramente o contrario, por exemplo—a guerra russo-japoneza, a recente italo-turca e a actual dos Balkans. As guerras modernas não têm mais a longa duração das antigas; resolvem-se em poucos annos e até em mezes. Todavia, o morticínio é maior e mais espantoso. Cada coiraçado que vai a pique carrega milhares de contos e milhares de vidas. Cada fortaleza arrazada é uma cidade destruida. Cada batalha campal é um montão de ruinas.

Não, o heroismo não morreu; continúa a ser a virtude guerreira por excellencia. Si os canhões tivessem morto a poesia e o ideal, ha muito já feriam desaparecido com a humanidade.

Agora, uma pequena digressão. Nas guerras atraz mencionadas não vemos sómente o gosto da cobiça e da expansão territorial e commercial, o jogo práctico dos interesses materiaes. Um sopro mais alto e mais nobre as aquece e movimenta: é a lucta de raças e de religiões. Quem não viu, na repulsa que o velho imperio nipponico inflingiu à voracidade russa o influxo do buddhismo e do shintoismo contra o christianismo? Quem não vê que o velho imperio árabe com o seu crescente musulmano se estorce em agonia nas garras da Europa com a sua cruz victoriosa? O lábaro symbolico com o seu lemma triumphal—*In hoc signo vinces*, continúa a pairar sobre os campos de batalha. O império turco está em liquidação. E' Christo *versus* Mahomet; a cruz supplantando o crescente.

(10) *O futuro da raça branca*, traducção portugueza, Lisboa, 1909.

É um erro, pois, sustentar que o sentimento religioso desertou a consciência humana. A verdade é que elle ainda faz martyres e fanáticos.

Tornemos ainda, um pouco, ao heroísmo. O costume de consagrar por meio de monumentos e festas a memoria dos grandes homens, bemfeitores da patria e da humanidade, nos veio da Grecia por intermedio de Roma. As qualidades intellectuaes e moraes, que põem o homem ao nível e às vezes acima dos contemporaneos, os genios da intelligencia e do sentimento, ainda existem e existirão para gloria da humanidade. Não só na guerra, como em qualquer outro ramo da actividade humana, o heróe se manifesta pela lucta no cumprimento do dever, pela bravura na acção, pela abnegação superior, pelo desprezo da vida. É Zola affrontando a furia da populaça e da clerezia na defesa da innocencia de Drçyus! É Rio Branco, sustentando, dentro do Itamaraty, os direitos do Brasil e resolvendo pacificamente todas as nossas questões de limites. É Santos Dumont resolvendo o problema da dirigibilidade do balão, inventando o aeroplano e voando por sobre a torre Eiffel, aos olhos de todo o Paris embasbacado. Mesmo nas condições mais humildes, na classe dos trabalhadores obscuros das officinas e das fábricas, pôde haver heroísmo na perseverança em ganhar o pão com o suor do seu rosto, em sustentar a familia dando exemplos edificantes aos seus concidadãos. Balzac escreveu sobre a grandeza, a decadencia, a reabilitação de um commerciante, um livro que é uma obra prima. Olavo Bilac diz delle: «É Cesar Birotteau. Cesar Birotteau falliu por imprevidencia e excesso de bondade. É o livro é a historia trágica, dolorosa, sublime desse homem, que consome trinta annos de vida no proposito de reabilitar o seu nome. Emfim, chega o dia da reabilitação. Mas o heróe já não tem forças. Condecoram-n'o, abraçam-n'o, louvam-n'o, exaltam a sua coragem e a sua tenacidade; elle, porem, vai morrer extenuado pelo extraordinario sacrificio.» É o martyr da probidade cahiu morto, fulminado por uma congestão cerebral e por uma syncope cardíaca, legando á sua familia, á sua patria e aos seus semelhantes o nobre exemplo do cumprimento do dever em conflicto acérrimo com a adversidade.

X

Respiguemos ainda algumas notas ao artigo do dr. Abdias Neves. Disse o illustre autor do *Occaso do idealismo*: «Desapparece o ideal, tendo cahido em descrédito antes de se finar. É o symptoma desse descrédito mais evidente é o desprezo em que os chamados *homens práticos*, *homens sérios*,

têm o verso. No Brazil, pelo menos, ha termo fatal para o tributo que todos pagamos às Musas. Poeta é synónimo de bohemio, ou, como quem diz,—um individuo que anda no mundo da lua, que não toma nada a sério, em quem se não deve confiar para coisa de monta. Homem casado que se dê a respeito, homem público que se preze, deixará a poesia para os *meninos*. Por sua vez, os moços aceitaram o sacerdocio dessa missão com entusiasmo. Não ficou pedra sobre pedra». Estas observações e outras no mesmo sentido, tão superficiaes á primeira vista, reclamam um mais detido exame.

E' verdade que a juventude é a quadra mais propria para os arroubos ideaes. Basta lembrar que ella é a estação florescente do instincto sexual, a phase dos amores, a primavera da vida. Normalmente, os moços são optimistas, porque vêm tudo através de lentes côr de rosa. Ainda não soffreram as decepções, as agruras do mundo, as torturas moraes, que se desencadearam na consciencia de Hamlet. São ardentes, impetuosos, confiantes e apaixonados. E' a idade da illusão e da esperanza. Mas isto não os autoriza a açambarcar a inspiração poética, como privilegio exclusivo delles. Todas as idades têm o seu encanto e a sua poesia peculiares. E' um erro suppôr que todos os velhos são tristes, uns desesperados, cansados de viver, e aborrecidos da vida. Bilac observa muito judiciosamente que os velhos só se queixam da sua velhice por uma espécie de faceirice encantadora. Um velho muito velho, quando diz: «eu, que já tenho oitenta annos...» ou «eu, que já dobrei o cabo dos noventa...» só diz isso para que a gente lhe responda: «pois não parece! ninguem lhe dará mais de cincoenta». A esperanza, a illusão é o conforto de todas as idades.

Nenhuma obra de folego, dessas, que têm resistido á acção destruidora do tempo, foi realizada na juventude. As obras vivedoiras dependem do talento ou do genio, ajudados pelas circumstancias do meio e de longo e penoso trabalho. Foi o que Camões quiz significar nestes sentidos versos:

«Não me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Coisas, que juntas se acham raramente».

Poetas na idade madura e mesmo até á extrema velhice sempre os houve na humanidade. Basta citar alguns dos maiores vultos: Homero, Virgilio, Dante, Milton, Camões, Tasso, Cervantes, Goethe, Victor Hugo, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Theóphilo Braga, G. Junqueiro, Durão, Basilio da

Gamma, José Bonifácio (o primeiro e o segundo), Gonçalves Dias, Machado de Assis e Luiz Delfino. Só esta esplendida constellação é mais eloquente do que todos os argumentos que se pudésem contrapor ás arguições em contrario. Só no dominio da acção propriamente dita, como nos campos de batalha, é que os moços levam vantagem decisiva sobre os velhos. Não assim, porem, no dominio da intelligencia e dos estudos de gabinete.

O desprezo dos *homens práticos*, dos *homens sérios*, dos *honnêtes gens*, que consideram os poetas como bohemios e visionarios, indignos de confiança, é um séstro antigo, já muito desvalorizado nas sociedades cultas e mórmente na república das letras. Os philosophos, os genios, os grandes benefeitores da humanidade, por isso mesmo que são seres privilegiados e superiores, nem sempre são comprehendidos pelos seus contemporaneos. Raros tiveram um pequeno circulo de amigos e admiradores. Muitos fôram execrados, perseguidos e martyrizados. E' longo e cruciante o martyrológio dos grandes homens, dos heróes da sciencia, da arte e da caridade. Por isso fôram quasi sempre tidos como excêntricos e ás vezes perigosos e justicaveis. Muitos morreram da miseria mais negra. O desprezo da multidão ignara era um escote, a que todos estavam sujeitos. E não só do povo inconsciente, mas principalmente dos poderosos do dia, dos exploradores das instituições caducas, mas lucrativas, recebiam elles os mais pungentes ultrages. O *misonismo*, isto é, o medo do novo, da mudança nas coisas e nos homens, é um instincto perfeitamente humano. Ninguem se eleva impunemente acima do nivel intellectual e moral do seu tempo e do seu meio. No entanto, todo o progresso humano, todo o immenso cortejo da civilização, todos os bens que fruimos na sociedade, é obra desses genios excêntricos, utopistas do ideal. Sem elles, a estagnação e a morte; com elles, o movimento e o bem-estar, ás vezes precedidos de perturbação mais ou menos grave na ordem publica. Com os conservadores e só com elles a sociedade não seria turbada, mas tambem não progrediria. Por isso, opina Emilio Faguet «que os inventores são os creadores do movimento». *Philosophos, pensadores livres e espiritos fortes* eram expressões de desprezo na bôcca dos realistas, clericas e fidalgos do século XVIII, o que não impediu que alguns delles frequentassem as côrtes da Russia e da Prussia, e que as suas idéas provocassem a grande revolução de 89 e se alastrassem pelo mundo inteiro. Até o grande Bonaparte, homem de acção em todos os sentidos, chamava-os *ideólogos* por desprezo.

Mas esse séstro, felizmente, vai cahindo em des-

crédito, e a tendência moderna, graças á diffusão do ensino livre e da imprensa, é para a reabilitação do *intellectual*, inclusive o poeta. Num banquete, com que a fina flor da sociedade carioca festejou, no *Palace Theatre*, a 3 de outubro de 1907, o seu primoroso poeta Olavo Bilac, com a assistencia de ministros, diplomatas, banqueiros, artistas, commerciantes, e do bello sexo, glorificando-o, o festejado pronunciou um brilhante discurso, em que accentuou os relevantes serviços que a sua geração literaria, na segunda metade do século XIX, prestou á innegavel cultura daquella sociedade—o trabalho moral de reacção contra a indifferença e o desdem. «Houve dois equívocos lamentaveis entre os homens de letras e os homens práticos, entre os intellectuaes da imaginação e do sonho e os chamados *burguezes* e *philistinos*. A principio, os artistas foram tratados com o mais soberano desprezo, como imprestaveis para qualquer função util e proveitosa. Eram creaturas á parte, imbuidas de visões hallucinadoras. Si algum estadista, professor ou diplomata fazia alguma incursão no bairro literario, era «com um certo vexame, encapotando-se, disfarçando-se, escondendo-se, cosendo-se às paredes, com medo da murmuração da gente séria, como si entrassem em logares prohibidos, centros de frívolas ou condemnaveis diversões». O grande José de Alencar, o creador do romance brasileiro, foi victima dessa fraqueza e estullicia. Uma vez, no parlamento, um adversario, confundido pela argumentação do exímio literato, vingou-se, bramindo estas palavras esmagadoras: V. exc. é um *poéta!* Descobriu-se com assombro que José Bonifacio, o velho, o cientista, o Patriarcha, tambem tinha sacrificado no altar das Musas. Era um horror! Depois desse tempo nefasto para os pobres escriptores, surgiu outro equívoco não menos deploravel. Os literatos commetteram o erro de mostrar desdem pela consideração que a sociedade lhes recusava. Era a reprezalia tão injusta e estólida como o procedimento dos homens sérios. Os poetas passaram a viver encastellados na sua torre de marfim, longe do bolício do mundo, distinguindo-se dos outros homens pelo furor dos paradoxos e pela extravagancia das maneiras». Foi a época da bohemia desbragada, das cabelleiras enormes e das gravatas espaventosas. Viviam no mundo da lúia, incommunicaveis com a realidade mesquinha da vida humana. «Como si fosse possivel, nesta vida breve e contingente, em que todos vivem sonhando e soffrendo, os cultos como os incultos, os nobres como os plebeus, os artistas como os trabalhadores da industria,—estabelecer distincção entre uns e outros, separando o sonho e o soffrimento do poeta do sonho e do soffrimento dos que cavam a terra e desbastam as pedras!...»

Acabar com esse grosseiro engano, estabelecer a concordia entre os dois campos adversarios, reintregar o artista no seio da sociedade, foi a obra imperecível da geração, de que Bilac foi magna figura. «Que fizemos nós?—pergunta o autor da *Via Lactea*. E responde sobranceiro: «Fizemos isto: transformámos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquillo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdocio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçámos as portas dos jornaes e vencemos a ineptia dos editores; e, como, abandonando a tolice das gerações anteriores, havíamos conseguido senhorear-nos da praça, que queríamos conquistar, tomámos o lugar que nos era devido no seio da sociedade, e incorporámo-nos a ella, honrando-nos com a sua companhia e honrando-a com a nossa; e nella nos integrámos de tal modo que, hoje, todo o verdadeiro artista é um homem de boa sociedade, pela sua educação civilizada, assim como todo o homem de boa sociedade é um artista, si não pela prática da Arte, ao menos pela cultura artística. Foi isso o que fizemos. De certo ponto de vista, podemos dizer que representámos, para o progresso intellectual do Brasil, na ultima metade do século passado, o mesmo papel que, para o seu progresso material, representaram, no século XVII, os heróes das «bandeiras»: nós também varámos leguas e leguas de desertos moraes, nós também desbravámos sertões, nós também fundámos cidades; ha ainda, de certo, muitas leguas por varar, muitos sertões por desbravar, muitas cidades por fundar; mas nem tudo ha-de ser feito por uma só geração, pois Roma não se fez em um só dia». E Bilac insiste longamente neste ponto, com razão de um valor artistico e moral inestimavel. Tornou ao mesmo assumpto com o mesmo entono e a mesma vibração admiravel, numa conferencia sobre *O Commercio e a Civilização*, realizada na *Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro*. Pedimos venia para mais uma citação: «Já vai longe o tempo—disse o vale eximio—, em que a gente sizada olhava um poeta como um ser à parte, uma creatura physica e moralmente descabellada, fatalmente e irremissivelmente insurgida e rebellada contra as idéas de disciplina e de lei, considerada por alguns com admiração, por outros com indulgencia, e por todos, com espanto e desconfiança, com um certo medo, com esse vago terror que a presença de um louco provoca sempre num agrupamento em que todos têm ou supõem ter juizo. . . Por outro lado, também vai longe o tempo, em que os poetas viviam encastellados num orgulho ridiculo, no alto de uma torre phantástica,—onde tudo era phantasti-

co,—excepto a fome, que era ás vezes bem real, e de onde olhavam com desdem, em que não raro se disfarçava a inveja, a turba dos burguezes, que se banquetavam cá em baixo, enriquecendo, preferindo uma fatia do pão real a uma montanha de sonhos vaporosos. Era a rivalidade entre o ideal e o real, era a paz armada entre a arte e o negocio.*

Depois de abundantes e justas considerações, concluiu que esse cómico, e friste equívoco, cheio de desdem e de odios, já não existe no Rio de Janeiro. Aqui mesmo entre nós, no circulo estreito das letras thesesinenses, não vemos os poetas considerados na melhor sociedade, exercendo cargos de confiança no funcionalismo público, desempenhando a importante funcção de chefes de familia, fraternizando com os burguezes argentarios, com os homens da maior circumspecção, realizando conferencias instructivas, recreativas e beneficentes, abrilhantando os salões e os periódicos locais, vendendo, *tant bien que mal*, a má vontade dos editores e elevando o nivel cultural da nossa terra?

(Continúa)

HYGINO CUNHA.



O supremo desprezo

Terminaste por fim a lugubre jornada!
E, olhos fitos, silente, as mãos no peito ossudo,
descansas para sempre, a fronte aureolada
por uns nimbus de paz, e o labio mudo... mudo!

Ao redor, choro vão. Ardem cirios... Mas nada
que punja ou que amesquinhe o sobreceinho rudo
te afeia, oh, luctador intemerato! Em cada
linha que se surprehenda em teu semblante, em tudo,

que soberbo desdem! Que inaudita ironia
te unge o rosto! Entretanto, a materia sombria
desfaz-se, és quasi pó! Comtudo, inda mais forte

do que o da vida extincta a te exalçar outr'ora,
como gela e confrange em teu semblante, agora,
o supremo desprezo,—o desprezo da morte!

JOÃO PINHEIRO.

A SUPERSTIÇÃO DO AMOR (*)

Gravitam no cerebro da humanidade muitos sentimentos que carecem de estimulo e estudo mais acurado e menos parcial para serem inscritos no numero das verdades incontestaveis. Disse sentimentos e melhor diria fenomenos, pois a nossa vida cosmica, tudo, é uma infinita cadeia de fenomenos, uma fita cinematographica mutavel e eterna.

Na astronomia, fizica, quimica, em todas as ciencias, das mais simples ás mais complexas, temos obtido muito, embora seja nada para a solução do que desconhecemos. A sociologia e, como ela, a psicologia, são as ciencias menos exploradas, cujas bases permanecem ainda em flutuação, verdadeira maré do cerebro humano, onde o fluxo é logo substituido pelo refluxo, sem que a intelligencia possa estabelecer principios e regras, sistematizando os diversos fenomenos sociaes e psicicos. Neste cazo se acha o amor, sentimento uno, multiplo, incompreensivel.

Não será mesmo pecado chamar de Deus ao amor, porque foi Deus que creou o mundo, as ciencias, nos ensinou a viver e ordena tudo e tudo move! E quem pode negar que o sentimento mais grandioso de Deus é o amor, se não é ele proprio?

O homem deve amar pela alma, por ser ele a essencia divina incrustada na materia. A alma é para o corpo o que o perfume é para a flôr. Que é o perfume? É um fenomeno natural, fizicamente explicado. Que é a alma? É um fenomeno sobrenatural, metafizicamente explicado.

(*) Conservámos a graphia do autor.

O perfume existe, apenas, enquanto existe a flor; morre, como tudo no mundo. A alma, porém, é imortal!

E' por meio do perfume que as flores se namoram, que a floresta canta, sorri, palpita e ama.

O amor é como a alma, é incognoscível, é como Deus, só admite provas subjetivas.

O perfume é a alma da flor, porque é uma cousa que se sente, mas não se vê; a alma humana é uma couza semelhante: fala-se, pensa-se; logo, temos alma: o amor é outro phenomeno que pertence ao sentir e é invizível, tem mil manifestações, muitas contrarias—logo, é alma, é perfume, é Deus!

Como é belo ser-se idealista! Quanto nos encanta fallarmos de amor, se nada comprehendemos, se nada explicamos? Bendita seja a superstição do amor!

Agora rolemos do espaço das cojitações ao mundo das verdades. Antes quizera estar em erro, quizera que o que ides ler fosse uma utopia, estando a verdade convosco.

Não sei mesmo como começa a atacar este multiforme sentimento. E' tão extraordinario, tão imenso, sofre mais concepções e tão variadas que fico atonito. Cada cabeça tem uma maneira de interpretar o amor, é como as religiões, e mais ainda, as superstições.

Gaston Danville na sua interessante obra «a Psychologia do amor» faz uma sensata critica das teorias levantadas sobre este tema por filozofos, literatos etc.

Ai o curiozo leitor encontrará que A. Bain entende ser o desejo e o encanto pessoal os elementos constitutivos do amor dos dois sexos.

Spencer quer que seja o sentimento mais composto produzido pelas impressões mais complexas. E' a antiteze da teoria de Bain.

Sergi diz que os factores principaes do amor são «em primeiro lugar, os estímulos da reprodução e, em seguida, o sentimento do facto junto ao da temperatura além do prazer do enlace, como quer Bain».

G. Danville afirma que Bain, Spencer e Sergi descrevem simples mutações do desejo.

Mantegazza estabelece a distincção entre amor e comoções e diz que «entre as quatro definições discutidas por Tasso, ha tres que exprimem bem esta idéa»: «o amor é o desejo do bello»; «o amor é o desejo de enlace daqueles que se sentem avidos de uma beleza particular»; «o amor é uma união que nos faz dezejar a beleza». Quer ainda como fonte

A SUPERSTIÇÃO DO AMOR

do amor o reconhecimento, a compaixão, a vaidade, a luxúria e a vingança.

Schopenhauer divide a sua teoria sobre o amor em duas leis: 1.ª «Cada indivíduo exerce uma atração sexual tanto maior quanto representa com mais perfeição no moral e no físico o ideal da espécie; 2.ª a atração sexual que um indivíduo inspira a outro é tanto mais energética quanto os defeitos opostos do outro e quanto a união dos dois permite um filho mais inteiramente conforme com o tipo da espécie». Von Hartmann, abraçando esta teoria, faz grande apanajio do papel do inconsciente que parece a Danville ser a «geração» Delbecf filia-se á mesma teoria, apenas tornando o Inconsciente misterioso de Von Hartmann em um ser vivo existente no corpo humano e que determina a aproximação dos sexos—o protozoário.

Pierre Janet é de parecer que «a paixão propriamente dita se assemelha inteiramente a uma loucura, tanto na sua origem como no seu desenvolvimento e no seu mecanismo». Com Pierre Janet estão hoje quasi todos os psiquiatras.

Maurice de Fleuri estudou o sentimento amoroso como uma intoxicação igual a do fumo, do alcool etc. Esta teoria tem sido grandemente aceita. Depois de enumerar estas diversas escolas em que o amor é o desejo sexual, obedecendo a um inconsciente, misterioso, ou conhecido, é ainda uma loucura ou um vicio, poderão dizer os leitores, caso não queiram raciocinar por si mesmo, para as vêr na obra citada de Danville, como são falsas todas estas escolas.

Danville, por sua vez, define o amor como «uma entidade emotivo-especifica, consistindo numa variação mais ou menos permanente do estado afetivo e mental de um individuo, na ocasião da realização—pela acção fortuita de um processo mental especializado—de uma sistematização exclusiva e consciente do seu instinto sexual, sobre um individuo do outro sexo. Na maioria das vezes, este fenomeno não se produz sem exaltação do desejo».

Para a maneira de entendermos o amor, esta definição só diverje no modo de ser interpretada.

Danville quer especializar o amor como sentimento uno, incomparavel e irreductivel, mas conciente. Pensamos ao contrario que o amor, como sentimento sugestivo, é inconsciente na sua sistematização.

Se Danville quizer considerar o amor supersticioso como sentimento igual ao que atrae os sexos, então estaremos de acordo com a irreductibilidade do mesmo.

Na superstição, o amor pelo idolo se reveste de todos os caracteres de um sentimento especial, em tudo semelhante

na sua vida mental, excepto no resultado, ao belo amor que impulsiona o homem á mulher. Si então em vez de amor empregarmos a verdadeira palavra que melhor o exprime—paixão—veremos que se a superstição nasce da idéa fixa, da educação, o amor resulta do pensamento imutavel, diversificando na manifestação pelas qualidades educativas do paciente. Assim é que os que supõem ter encontrado a mulher, a unica capaz de os satisfazer, não passam de méros suggestionados por força da educação que receberam.

De cem que me leiam, noventa e nove, certamente, tiveram mais de um amor, sendo sempre o ultimo o verdadeiro.

Não pensassem o homem e a mulher que a sua ligação só se pode dar por força de um sentimento commum, que atúa em nosso organismo por um desejo, quasi sempre sexual, não pensassem assim e nem fossem sujeitos á grande lei da imitação e o amor desappareceria como as superstições.

Nas superstições, o maior fator é certamente o desejo quasi sempre de ser feliz na vida do além—tumulo. No amor, sentimento, o desejo se manifesta por uma felicidade futura, em tudo fragil e inconciente como a das superstições.

O amor é, portanto, uma superstição proxima a desaparecer absorvida pelo individualismo dos seculos futuros.

Silva Mendes.

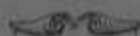


O PRINCIPE DOS POETAS BRAZILEIROS

Fon-fon! a interessante revista carioca, abriu, no começo deste anno, um concurso literario para saber quem é o principe dos nossos poetas vivos. Distribuiu 180 cédulas, tendo sido eleito, por maioria de votos, Olavo Bilac, o vate das *Panoplas*, *Via Lactea*, *Sarcas de Fogo*, *Caçador de Esmeraldas*, *Alma Inquieta*, *As Viagens*, etc.

Seguiram-se pela ordem da votação: Alberto de Oliveira, Mario Pederneiras e Emilio de Menezes.

Este resultado sahiu em o n.º 16 daquela revista de 19 de abril ultimo.



OIRO

Oiro do Sol—Nascente... Oiro da Aurora,
Aureolando as cinzas do Horizonte...
Oiro vital do Sol que de oiro irrorra
A esmeralda da Mata e a saphira da Fonte...

Manhan... Um Pau-d'arco, anguloso e secular,
De flôres carregado,
Parece um velho e fatigado moiro,
Um mauritano velho já cansado
De carregar
O barrete pesado de um thesoiro...

O Passaredo, que a plumagem tinge
No oiro morno que o Sol vem derramando,
Parece que, cantando,
Trina ouro nas cordas da larynge...

Dia pleno... Zenith de oiro...
Verão americano... aureos fulgores...
Ha oiro em pó na poeira dos caminhos
E na areia pisada das Estradas...
Oiro na Mata, oiro nos Ninhos,
E nas asas cantantes de um Bezoiro...
Oiro em perfume
Nas perfumadas petalas das Flores...

Crepusculo... Oiro no Ceu... No Sol-Poente
Palpita o oiro das Evocações;
Oiro que acorda os nossos Corações
Para a tristeza que alfineta a gente...

Ave-Maria! Maguado e soluçoso
Redobra um Sino á hora das Trindades!
E tem a voz do Sino o som queixoso
Do som tristonho do oiro das Saudades...

Oiro da Tarde...
O Entardecer é loiro...
Oiro no Ceu, na Terra, no Oceano...
Aureo incensorio—o Horisonte que arde...
E o Sol-Poente recorda, agonizando em oiro,
Os tormentos finaes de um Soberano...

Desce a Noite .. E pelas
Dobras da Noite tumular,
Que pelo espaço, muda e só, flutúa,
Inda ha oiro... Ha oiro nas Estrellas,
Oiro na Lúa,
Oiro na luz macia do Luar..:

Ha oiro no brilho variado
Dos Pharóes—avisando os Timaratos;
No olhar metaphysico e fitado
Das pupillas esphericas dos Gatos...

Ha o oiro bohemio dos clarões errantes
Da luz dos Lampeões...
Oiro nas scismas aureas dos Amantes
—Oiro de Sonhos, oiro de Illusões...

E o Amor—o oiro mais oiro deste Mundo—
Meu coração tranemuda num thesoiro!
Só não tenho entre o oiro em que me innundo
—O oiro pobre do Oiro!...

Alcides Freitas.

A CREAÇÃO CAVALLAR NO BRAZIL E O SEU FUTURO (*)

(Conclusão)

CAVALLO NACIONAL. O cavallo nacional, como vimos, é uma variedade da raça arabe, modificada pelo clima, influencias do meio, alimentação, etc.

Aqui, como em Portugal, se encontram os typos de perfil concavo, convexo e direito. Alem destes, existem mestiços provenientes de cruzamentos com diversas raças estrangeiras, porem são em numero limitado.

Caracteres:—São geralmente de tamanho pequeno. A altura da cernelha varia de 1,35 a 1,48, a cabeça é pequena, grossa e curta, gananchas espessas, orelhas de comprimento medio, pescoço delgado e ás vezes concavo, cernelha baixa, peito profundo, dorso curto, ligeiramente encilhado ou direito, ancas estreitas, garupa curta, inclinada ou cahida, inserção da cauda baixa, cauda com crinas grossas e abundantes, espadua gireita um pouco inclinada, membros fortes, porem com ante-braços e pernas pouco musculosos, cascos solidos, pinceel desenvolvido. Muitos possuem o trem anterior baixo, membros ajuntados e aprumos defeituosos devido em parte a má ferradura ou crescimento dos cascos; geralmente bons marchadores. O cavallo nacional é um animal pouco exigente e uma prova temos nos rebanhos existentes no norte do Brazil, onde muitas vezes não encontram nem sequer agua para saciar a sede.

(*) Veja o fasciculo de 30 de abril ultimo.

Vejamos, de passagem, os espécimens nacionais que povoam os campos do Piauí e do Ceará.

O cavallo sertanejo é esguio, sobrio, pequeno, rabo compridissimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e esforços. Quer seja noite, quer seja dia, no piso das rezes que *arrancam* mato a dentro, vara os carroças cheios de espinho, as d'roas entretecidas de cipós fortes, as catingas cerradas; desce o descambar dos serrotes rompendo os carcavões de unhas-de-gato, escorregando nos seixos—sem excitações, sem temor, sem cansaço. Não tem ferradura. O casco acostuma-se ao pedregal e ao espinho: enrijou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmite esse caracter de adaptação. Raramente fica estropiado.

O cavallo que se vive em abandono nos campos e chapadas do nosso sertão, é geralmente feioso, mas encontram-se às vezes, typos bonitos, esbeltos e de regular estatura. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcova, salvo quando bravo ou espantadico. O olhar só brilha quando se apresenta occasião de correr; depois as palpebras murcham numa somnolencia lassa. É activo e parece ronceiro, forte e parece fraco, agil e parece pesado. É pasmosa a sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fóra, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, faz prodigios. Num dia, faz 15 leguas e 20 puxando um pouco, 10 faz normalmente. É manso; quando o cavalleiro cahe, pára ao lado. Usa caudas compridas para se abanar das moscas, etc.

O cavallo do sertão arido do norte, de aspecto tristonho e magro, tem o primeiro lugar na lucta terrível e silenciosa contra a sede e a fome, no morejar, na carreira, noite e dia, os matagaes irrigados de espinhos, armados de estepes, pisando os seixos lisos que rolam até á profundez das grotas, a galopar á beira dos escarpes o que jamais fez valente corcel de cossaco em vasta e rasgada steppe da Ukrania pingo de gaucho altaneiro nos pampas desabrigados do sul...

Eis aqui, em rapidos traços, o cavallo nacional que habita os sertões dos Estados de Norte. É, embora vivendo em completo abandono nestas paragens ingratas, sem agua e sem alimento, este gigante de aço, filho do deserto, ainda mostra aos paizes civilizados que o sangue rubro que lhe serpeia nas arterias não podia ser outro senão do puro-sangue de Nedjed.

É evidente que o cavallo nacional possui boas aptidões e seria irracional e anti-patriotico abandoná-lo em procura de outras raças que, postas nas condições desfavoraveis em que ha seculos permanecem os que povoam os nossos sertões, jamais produziria metade do trabalho que o nacional presta aos nossos habitantes onde não se conhece ainda outro meio de transporte a não ser a tracção animal.

Revista de
Bibliotecas
YE - SINA

Se o nosso cavallo se acha hoje tão degenerado é por culpa dos nossos creadores que outra coisa não fazem senão utilizarem-se dos seus serviços sem lhe prestarem a minima attenção. Os pobres animaes vivem abandonados nos campos e chapadas, onde quasi sempre lhes falta até o indispensavel para sua manutenção. Ahi, em esse meio todo desfavoravel, se multiplicam, procreando animaes rachiticos e enfraquecidos. Quando surgem os typos superiores, são logo isolados e vendidos para o luxo das capitães. Conservam para reproductores animaes inferiores, ou desvalorizados. Quando por ventura algum typo superior apresenta algum defeito que o impossibilite da venda, é então destinado á reprodução.

E assim vão inconscientemente cavando, dia a dia, a ruina do nobre typo nacional dos nossos sertões. Ninguem ignora que o cavallo no Brazil constitue um auxiliar poderosissimo aos sertanejos; entretanto, estes não lhe têm votado a devida attenção e, portanto os cuidados que tanto merecem.

Se os nossos creadores procurassem imitar os methodos adoptados pelos primitivos criadores arabes, para quem o cavallo era objecto de toda a attenção, os nossos animaes não chegariam a esse estado contristador em que permanecem presentemente.

Para os arabes, o cavallo é considerado como amigo inseparavel e quasi como parte da sua familia. Ainda potribodemizma, recebem e criam de tolos a, além do leite da egua mãe, dão-lhe leite de camella, assim como rações decervada, quebrada e molle, logo que apparecem os dentes até se desmamam.

É impossivel que um animal, de qualquer raça que seja, possa sobreviver em condições tão desfavoraveis como as em que permanecem os nossos cavallos, passando dias e ás vezes mezes sem alimentos e agua sufficientes para a formação do seu joven organismo.

Entre os factores que mais têm contribuido para a degenerescencia do nosso cavallo, está, em primeiro logar, o methodo barbaresco de criação a que foi condemnado pelos nossos fazendeiros.

Precisamos, pois, abandonar essas praticas archaicas e, baseados nos ensinamentos da sciencia zootecnica, iniciar o melhoramento dos nossos animaes que, incontestavelmente, apresentam qualidades de alto valor industrial e agricola.

O melhoramento do cavallo nacional, como se acha presentemente, não é possivel fazer-se só com o auxilio da selecção entre os animaes creoulos, porque são precisos muitos annos para chegar-se a um resultado satisfatorio.

A experiencia, mesmo, em tratando-se de outros animaes, em condições identicas, manda que assim não procedamos. Entretanto, como diz o Conde de Gramaud—para criar bons cavallos é preciso antes de tudo ter boas mãos—cum-

pre-se seleccionar rigorosamente, em os nossos rebanhos equinos, as melhores eguas existentes e, com o auxilio destas e de garanhões puro-sangue arabe, iniciarmos o melhoramento da nossa tão desprezada industria cavallar, tendo o maximo cuidado de eliminar aquelles typos defeituosos e rachiticos que forem apparecendo no decorrer da operação.

Impossivel, diz ainda o Conde de Grenaud, é obterem-se bons resultados nos cruzamentos quando um dos reproductores é mau. A influencia da mãe é, pelo menos, tão grande como a do pae, esta influencia materna pode mesmo tornar-se primordial: se como acontece aqui onde o pais não é o do garanhão, a linha ascendente da egua está mais solidamente assentada do que a do garanhão. Devemos nos convencer deste principio - um bom conjuncto de egua é a base imprescindivel de uma boa criação. Convem, pois, fazerem-se os sacrificios necessarios para adquerir e conservar boas eguas indigenas (amplas, de linhas correctas, bom arcabouço, bons membros) e procurar ainda aperfeiçoal-as.

Na condelaria de Mezöhegyes, por occasião da distribuição geral, na primavera de cada anno, escolhem-se as eguas reproductoras entre os potrancos de tres annos. As que não são classificadas, destinam-se á venda publica de Budapesth; são previamente adestradas para sella ou carruagem afim de serem vendidas como proprias para este fim. As que são classificadas para servirem de reproductoras, recebem um trato especial.

O mau habito que predomina entre os nossos criadores de importar um grande numero de garanhões de raças differentes, é um erro de ha muito condemnado pela sciencia zootechnica, porque esta mistura de raça, em lugar de melhorar os nossos animaes, contribuirá, pelo contrario, de um modo poderoso, para augmentar a confusão de caracteres existentes, difficultando ainda mais o melhoramento dos nossos equideos.

O creador intelligente que deseja ver os seus esforços bem compensados, deve escolher a raça que mais se adapte ao fim desejado e tão somente com esta operar o melhoramento dos seus animaes. Proceder de modo contrario, é perder tempo e gastar dinheiro sem resultado pratico.

Vejamos agora qual o garanhão que devemos preferir para typo melhorador da nossa raça nacional, de combinação com as nossas eguas indigenas, afim de obtermos cavallos proprios para sella, para o tiro leve e para a guerra.

Baseando-nos em estudos feitos por profissionaes competentes, o cavallo a empregar nesta operação deve ser o puro sangue-arabe, animal que tem sido durante seculos a fonte superior dos cavallos de sella, de tiro leve e de guerra.

O puro sangue inglez de corrida é, incontestavelmente, o

mais primoroso de todos os seus productos. Dahi concluirmos que, sem o garanhão arabe, não conseguiremos jamais a completa regeneração das nossas raças cavallares, pois muito illudem-se os que pretendem attingir este louvavel desideratum, empregando na reproducção mestiços de bonita estampa, mas que não possuem, como o puro sangue arabe, a potencia de transmissão hereditaria de qualidades *individuales* e *atavicas* que constitue o que os inglezes denominam *pedrigue* e *performance*.

Com effeito, escreve o sabio mestre Sausan a respeito do cavallo arabe *puro-sangue*, se disse, se diz e continuou-se a dizer, de accordo com as tradições e a despeito das mais auctorizadas opiniões em contrario — que elle tem servido não só para melhorar todas as raças de cavallo de sella, de tiro e de guerra, senão tambem para tornar menos lerdos ou menos *tardigrados* as grandes raças cargueiras e pesadas pela simples infusão de uma dose minima (1/4) de seu sangue vivificador.

Cavallos para remonta: — E' certo que somente com o auxilio dos nossos cavallos, taes quaes se acham presentemente, não podemos realizar com vantagem esta transformação. Dizemos ser impossivel devido ao tamanho, pequeno, dos nossos animaes creoulos, mas, já provámos que se remediará esta falta submettendo-os a uma rigorosa selecção auxiliada por uma alimentação rica, abundante e racional.

As experiencias feitas em São Paulo, Minas e Rio Grande, com este objectivo, deram resultados satisfatorios. Assim é que os cavallos não só tomaram mais corpo, como augmentaram na altura, attingido as exigencias da remonta do nosso Exercito.

Como já dissemos, a selecção torna-se um pouco merosa, quando se opera com animaes como os nossos actuaes, motivo por que devemos preferir outro melhor e que nos forneça bons productos em menos tempo. Afim de não operarmos ás cegas ou fazermos tentativas problematicas, devemos procurar para empregar neste trabalho os animaes que mais se approximem do typo que se deseja melhorar.

Diz o Dr. A. Forna o seguinte: — O nosso cavallo de guerra ha de ser derivado do creoulo, como base; do arabe, como regenerador; e do inglez de corrida unicamente, como amplificador da estatura.

Fixal-o assim e nestes moldes produzil-o em numero capaz de prever as necessidades do exercito na paz e na guerra, tal é o magao problema, tal deve ser a sua solução definitiva e plena. Produzil-o, è obra do patriotismo.

Diz o Dr. Assis Brazil que chegará o dia em que se reconheça no Brazil a necessidade de se empregar o puro sangue corredor em combinação do typo nacional do cavallo de guerra.

O puro sangue corredor e o arabe são indispensaveis para a formação do nosso cavallo militar de sella, sobre a base do creoulo, o primeiro para dar um pouco mais de cor-

ta de

que
ogi-
tes

re-

7.

po. e o segundo para transmitir principalmente sobriedade e rusticidade, a par da fixidez do tipo.

Com eguas nacionais já melhoradas, o puro sangue inglês, ou o anglo arabe nos dará o tipo perfeito do cavallo para cavallaria leve, isto é, producto do anglo arabe com eguas que, pela semelhança das qualidades phisicas e moraes, inherente ao sangue arabe, contribuirão para a produção de animaes bem feitos e possuidores das qualidades requeridas para os serviços do exército.

Cavallo para tiro pesado—Muitos zootecnistas entre nós são de opinião que a produção do cavallo de tiro pesado se torna difficil obter com os elementos indigenas que possuímos, devido à enorme dessemelhança que existe entre as nossas eguas muito pequenas que pesam em media 300 a 350 ks.

E da união destes animaes com os possantes garanhões Percherons, Ardenezes, etc, nascem productos desproporcionados, mal conformados e impróprios para o serviço. Demais este methodo de reprodução não é admissivel pela zootecnia.

Entretanto, o conde de Gramaud constitue o cavallo proprio para tiro leve e tiro pesado cruzando as nossas eguas (selecidas entre as maiores e de melhor conformação) com o garanhão Norfolk Bretão.

O Dr. Assis Brazil preferiu o Percheron como reproductor para tiro pesado na sua condellaria de «Pedras Altas». Diz que a experiencia tem demonstrado ser este cavallo mais tolerante ás mudanças de meio e agil entre todas as raças de tiro pesado, prestando-se tanto, para trabalhar a passo como a trote.

Afirma que provindo o Percheron do sangue arabe deve dar boa cruz com o nosso creoulo.

Os mestiços deste cruzamento obtidos naquella condellaria, mostram-se, não raro, excellentes e até elegantes cavallos de sella.

Seja como for, pensamos que enquanto não se conseguir obter este tipo para serviço de tiro pesado, podemos empregar as bestas que de ha muito nos vêm prestando extraordinarios serviços.

Entre os animaes utilizados para transporte nos sertões do norte, destaca-se o jumento e isto devido à sua grande resistencia ás secas. O jumento faminto alimenta-se com tudo que encontra, galhos tenros, folhas secas; a sua dentadura tem um modo especial de trincar os espinhos; com a ponta fina do casco escarva a terra e retira as raizes palpadas do capim gengibre, etc.

Afim de obtermos resultados satisfatorios no melhoramento dos nossos equinos, cumpre-nos não esquecermos que, de todos os meios de que devemos lançar mão—é a ali-

mentação—o mais importante ou aquelle sem o qual nada de vantajoso alcançaremos.

Grandes prejuizos têm tido os nossos creadores que tentam o melhoramento de seus rebanhos sem primeiro cogitarem de conservação de pastos, e de capinzaes sufficientes para a nutrição dos animaes.

E muitas degenerescencias e molestias são tambem resultado da falta de uma alimentação racional e apropriada.

Se quizermos realmente reformar os nossos animaes, é pois, indispensavel melhorar tambem o alimento que lhe é geralmente destinado e ter bem em mente este precioso dictado. *Tel fromage tel betail.*

Desde tempos passados se considera a alimentação do animal como factor poderosissimo para a conservação das raças ou ainda mais como meio indispensavel para a formação das raças.

E é baseado nisto que os inglezes, os nossos mestres em assumptos de criação, não se cansam de dizer que as raças se fazem pela bocca.

Disse um grande zootecnista que para aperfeiçoar-se um animal não existe mais do que um methodo: é assegurar-lhe uma longa alimentação em todos os periodos de sua existencia e sobre tudo, durante sua terna idade, quando o organismo se forma.

O importante papel que exerce a boa alimentação na formação das raças é tão extraordinario que se o criador desconhecel-o nada conseguirá de vantajoso no melhoramento dos seus rebanhos, quer applique os methodos de selecção, cruzamento etc.

Precisamos, pois, cuidar antes de tudo do alimento que deve ser ministrado aos nossos cavallos afim de não incorreremos nas grandes faltas em que, dia a dia, vão cahindo aquelles que julgam que para crear-se um animal superior basta somente reproduzil-o com um de puro sangue.

É impossivel tratarmos neste ligeiro trabalho dos alimentos que se devem ministrar aos equideos, tendo em vista sua idade e os fins a que se destinam; entretanto, resumindo, pretendemos acrescentar algumas palavras sobre tão magno assumpto, especialmente sobre a alimentação das eguas em gestação.

Precisamos reservar para estes animaes as melhores forragens e evitar qualquer alimento fermentado; ser prudente no emprego do melão porque os saes potassicos que elle encerra podem, por excesso, prejudicar o feto. Convem ainda dar rações menos volumosas para evitar a compressão do utero pelos orgãos intestinaes. Empregam-se as vezes farello que sendo um pouco laxante, guarda o intestino livre, etc.

A criação de bons cavallos no Brazil é urgente necessidade não só em vista do vasto territorio que possui, sem estradas de ferro e de rodagens, sufficientes para o escoamento dos seus productos, como para viagens e defesa nacional.

Possuimos Estados no territorio brasileiro, onde não ha um palmo de estrada de ferro e são limitadissimos os de rodagem. No numero destes temos o Piahy, onde todas as viagens por terra são feitas em costa de cavallos e bem assim o transporte das mercadorias e das produções agricolas e industriaes.

Por differentes vezes, em annos recentes, varios escriptores têm expressado o receio de que o desenvolvimento do automobilismo e outros meios mechanicos de transporte affectariam seriamente a industria da criação de cavallos e que estes animaes seriam substituidos por uma machina, receio que também foi manifestado ha annos quando o uso do velocipede começou a generalizar-se; mas as predições pessimistas não se realizaram e hoje a procura de cavallos, para a lavoura, para o exercito e para o sport, è maior que d'antes e por preços excellentes. O futuro para os creadores de cavallos apresenta-se, pois, com cores tão brilhantes como jamais.

Sabemos, ainda, que todos os países da Europa precisam muitissimo do cavallo para o serviço do exercito no qual empregam *dois milhares* de cavallos que se renovam annualmente pela decima parte. Dahi se conclue que se o nosso país produzir o typo de remonta, que lá se exige, collocar-nos-emos em condições de acudir á procura não somente do cavallo de guerra senão também do de sella e tiro leve.

Apesar das conferencias e dos discursos pacifistas, todos os países organizam cada vez mais exercitos e preparam reservas entre os cidadãos e os armamentos em canhões, fuzis e cavallos.

Os canhões e fuzis podem ser facilmente adquiridos no estrangeiro ao passo que o recrutamento dos cavallos, como o dos homens, deve ser nacional.

Necessitamos transformar os nossos animaes creoulos destinando-os aos diversos misteres que d'elles desejamos obter.

Os typos a serem empregados para obter este melhoramento já mostrámos no começo deste trabalho; resta-nos agora iniciar esta obra patriótica afim de ver se dentro de poucos annos conseguiremos obter os typos destinados á sella, guerra, tiro leve e tiro pesado.

Isto de continuarmos dependendo dos nossos vizinhos do Prata para remonta do nosso exercito, é deprimente e vergonhoso para um país como o nosso que possui todos os factores favoraveis para se tornar, em pouco tempo, um dos primeiros países productores de animaes do mundo.

Dizemos, pois, que não só é deprimente e perigoso, como anti-patriótico estarmos dependendo dos nossos vizinhos do

Prata, porque, embora se digam nossos amigos, poderão, de um momento para outro romper as relações que nos prendem e ficarmos assim desarmados.

Devemos olhar para esta situação angustiosa em que nos achamos e procurar, por todos os meios possíveis, produzir em o nosso vasto territorio aquelles productos de mais urgente necessidade.

Na reproducção dos nossos cavallos devemos nos lembrar que é importante utilizarmos garanhões de puro sangue, que, sendo cruzados com eguas creoulas, transmittem as suas boas qualidades aos descendentes, por terem sido productos de puro sangue cujos caracteres estão firmemente ascentes.

Muitos criadores comettem o erro de utilizarem reproductores de meio sangue. A descendencia destes dá animaes de 1/4 de sangue; o resultado é, portanto, uma surpresa para o criador.

Já possuímos algumas coudelarias no Brazil que devem ser tomadas como modelo. Lembremos aqui a Gaycau e de Pedras Altas no Rio Grande do Sul, Campolina em Minas e de Pin'amonhangaba em S. Paulo.

Uma rapida visita a qualquer um destes estabelecimentos é de muito mais utilidade, que a leitura de artigos e folhetos muitas das vezes pregando theorias absurdas e condemnaveis.

Os resultados obtidos das experiencias alli feitas podem perfeitamente orientar com acerto o criador nacional no melhoramento dos seus rebanhos equinos.

Sejamos perseverantes nesta lucta, pois de sua fiel observancia depende, incontestavelmente, o melhoramento da nossa raça cavallar - considerada pela sua resistencia e vigor como a primeira existente no universo.

R. FERNANDES E SILVA

O sangue das rosas

Quando sinto cantarem sobre as telhas
o coro da luz e a voz das madrugadas,
vou ver morrer no céu as encantadas,
pequenas e fulgidas canções.

Inda não despertaram as abelhas
para a festa das ramas entoradas.
Passaros dormem. E, abertas nas estradas,
rosas pompeiam petalas vermelhas.

Donde lhes vem aquelle sangue rubro?
Chego pé ante pé, sigo e me encubro
por traz de moitas de onde possa vê-las,

e vejo, então, olbando o espaço infindo,
aquelle sangue vir do céu calundo
pelos olhos de prata das estrellas.

Abdias Neves.

O bôcca de fogo

AO ANTONIO CHAVES.

Naquelle dia, claro e limpido, de uma claridade e limpeza que despertavam enthusiasmos e sonhos, me propuz, pachorrentamente, a examinar o quê de verdadeiro existia nessa maravilhosa historia do «Bocca de fogo.» Credulo em almas do outro mundo, estava desde alguns mezes atormentado e tristonho, com o pensamento abatido e exausto, reflectindo nas coisas inverosimeis e phantasticas, extravagantes e mysteriosas que diziam estar succedendo pelas vizinhanças de minha casa, alguns kilometros apenas, na funesta e solitaria choupana da corcovada velha Victoria. Puz os arreios no esfalfado bucephalo e seguí, não despido de justificados temores e intimos estremecimentos, em demanda do calmo e silencioso retiro.

O caminho, banhado pela luz radiante e potente do grande astro, deixava ás margens irregulares uma paysagem sem desenhos inspiradores, ou perspectivas grandiosas; era toda ella de fórmias descoradas e simples, confusas e desordenadas, que nenhuma emoção fazia nascer no espirito e nenhum contentamento emprestava ao coração dorido pela cruenta e interminavel lucta da vida. Prendiam-me tão somente a suavidade gloriosa e fecunda daquella manhan esplendida e o fim que me arrastava ancioso e vacillante. Soffrego, á espera de sensações

perigosas e deslumbrantes, estremecia ao mesmo tempo que, dentro de mim, a aproximação ambicionada da habitação sinistra e erma, um fluido extranho me acelerava a circulação, deixando-me sob um amollecimento característico de incerteza e angustia. Encontrava grupos, mulheres e homens, de physionomias conturbadas e tristes, traduzindo impressões bem vivas ainda de algum facto extraordinario e apavorante, manifestando um mysterio de scenas horriveis e raramente contempladas no percurso fastidioso da misera existencia...

Afinal. A rustica morada ali estava, occulta entre o arvorêdo denso e rumoroso, numa solidade bem forte e convidativa; contornavam-na arvores sombrias e altas, erguendo em direcção á immensa e sumptuosa aboboda do azul os seus galhos incertos, num rythmo de alviçareiros estremecimentos. Apressei-me, fustigando o lerdo companheiro e, dentro de poucos segundos, tinha a honra de apresentar os bons dias á doentia velha, que nenhum espanto mostrou da minha presença naquelle instante.

—Até o senhor! Já sei, já adivinho plenamente o que quer nesta sua casa: vem, como os outros, em procura de noticias sobre a alma que atormenta o meu pobre filho. Não é?

—Sim, disse, em fraca resposta; tenho ouvido tantos boatos alarmantes sobre o extranho caso, que me dispuz, abandonando por momentos o absoluto retrahimento em que vivo, a procural-a e assim conhecer de tudo por uma fonte limpa.

—Não ha duvida, resmungou, entrando sem mais palavras para os aposentos interiores. Pude, então, olhar mais attentamente o circulo em que estava e as coisas sob as minhas vistas: nada que denotasse capricho, commodidade, ou aceio. Uma verdadeira atmosphera de fazer mal. Tudo desarranjado, tudo sem ordem, tudo em revolução, mostrando que, ali, os habitantes viviam despreoccupados dos seus affazeres mais simples e leves. O trabalho parecia coisa esquecida ou extranha, pois não se lhe descobriam os traços; existiria talvez outrora, a julgar por um dilacerado balaio de algodão, com o respectivo fuso, que demorava, como filho excommungado e maldicto, num dos cantos da saleta onde me accommodava com repugnancia e fraqueza.

Apenas o sol, que tudo alegre e illumina, filtrando ousadamente os seus raios, vinha dar certa alacridade ao meu ser e mostrar que, tóra dali, a natureza continuava soberana e impassivel nos seus triumphos e glorias:

—Aqui estou, disse a velha, voltando. Aqui estou para dizer-lhe que muito tenho soffrido nestes ultimos dias. E abançou-se deante de mim, deixando rolar pelas faces rugosas duas lagrimas compridas e sinceramente tradutôras do que dizia.

—Estamos em setembro. Tres mezes atraz, o meu filho Vicente, que o senhor conhece, era um rapaz de robusta compleição e bonito aspecto, de olhar vivo e cheio de alento, coragem indomita para o trabalho, saúde vigorosa e completa. Hoje está transformado num simples esqueleto: robustez, vivacidade, disposição, saúde, tudo desapareceu e de um modo assás desolador e triste. Vive sob um aniquillamento de causar dó e provocar piedade, em delirios maus, paralyzado dentro de uma rede, sem consciencia dos proprios actos, insensivel ao que se desenrola em torno da sua miseranda pessoa. Hei de mostral-o, quero que veja pessoalmente todas essas desgraças que tão fortemente me attingiram agora, quando já estou nos ultimos degraus de uma velhice sem conforto e sem esperanças, que só encontra amparo na misericordia divina.

Chorou, para recommençar depois, oppressa e desalentada:

—Uma noite de junho, quando dormiamos em tranquillidade, ouvi, á meia noite, um grito estridente e angustioso, seguido, incontinente, de muitos outros da mesma natureza, parecendo-me que vinham de alguma creatura afflicta e a amordaçada, impossibilitada de reacção, que tinha ante si uma assombração mortal. Transida de medo, calafrios me percorreram o esqualido corpo, mas a lembrança do filho, da creatura que unicamente me fortalece e adoro no mundo, fez que eu tudo superasse e transpuzese para chegar junto delle. Fui de um salto, numa anciedade louca, repleta de medonhos receios, de pavores horripilantes, de idéas confusas. Que penoso e sombrio quadro! Encontrei-o exaustado, de olhos chammejantes, envolvidos por um véo de morte, sem accôrdo de vida; soluços vagos se lhe desprendiam ininterruptos; palavras de dôr procuravam baldadamente sahir...

—Olhe, olhe, pôde dizer, afinal. E eu mirava, remirava em todas as direcções, sondava todos os rumos, investigava todos os pontos que estavam ao alcance de meus olhos atemorizados. Nada! Nada! E sempre a mesma agónia a espedaçar-me a alma, sempre aquella demorada tortura a prolongar-me os anceios e a effervescencia do sangue. Aguardei a cessação dos tormentos, depois de duas horas, mais ou menos, fastidiosas e longas, em que me entretivera a chama-lo pelo nome, de um modo tão convulso e dolorido, que pareciam tremer as arvores... Fiz remedios, sem resultado... Dirigi supplicas ardentes e exhortações fortes e profundas...

—Fala, fala, disse vendo que elle recuperava os sentidos e me dirigia um olhar febril e cansado. Fala, dize o que sentes, narra o que viste, tranquilliza o meu ser offegante e aniquillado.

—Uma alma, uma figura de mulher esteve até agora em

minha frente com trajos negros, olhos velados e tristes, avançando sempre para falar-me, mas sendo impedida de todas as vezes por um grande cachorro, com a bocca de fogo, que arremetia contra ella e a fazia recuar sem esforços... Uma coisa horrorosa... Morro, morro, morro...

Esta scena, senhor, em proporções maiores, se repetiu multiplas vezes até o mez de agosto, trazendo-me espantada confusa e emmudecida. O meu filho, por outro lado, tornou-se prêsas de uma febre devoradora, que ainda hoje o abate e domina; as pessoas que convidava para a verificação do mysterioso acontecimento, ficavam pensativas, angustiadas por um desalento atroz e justo... A minha casa já se dizia mal assombrada. Recebia curiosos todos os dias, como recebe ainda hoje, todos compadecidos da minha sorte cheia de ingratição e de lagrimas, de inquietações e de sustos... Transformára-se, mesmo, em casa de defuntos, pois havia guarda todas as noites em derredor de Vicente, que, sob uma fadiga profunda, sô experimentava qualquer allivio vendo-se vigiado e defendido. Uma noite, nos ultimos dias de agosto, velavam juntamente comigo tres amigas da Boa Esperança. Já os gallos haviam cantado e tudo corria na paz mais absoluta e desejada. Estavamos meio adormecidas, quando fomos surprehendidas por um estrondo, um estouro enorme, especie de uma explosão fatidica e singular. Prostrou-nos um atordoamento afflictivo; a arruinada choupana esteve prestes a voar pelos ares e nós ali ficámos, immoveis, numa acabrunhada lembrança daquelle ruido, confundidos os nossos gritos de desespero com os gritos de desespero do meu pobre filho, então allucinados e vehementes... Readquirindo as forças, sentimos um cheiro mau, que em breve se espalhára por todos os ambitos da casa, e esta circumstancia mais augmentou o nosso assombro e a certeza de que tudo não passava de obra satânica. Vicente tinha o olhar desvairado e feroz; hirto, frio, de physionomia espavorida e tetrica, só depois de repetidos esforços pôde falar.

—A mesma apparição, a mesma alma, figura de mulher velada e triste, com vestes negras. Quer rezas, muitas rezas para salvar-se. Os seus peccados na terra foram em excesso e por isso vive a esmolar de um e de outro semelhante beneficio apesar da perseguição do Maldicto, que a segue, resolute e desenfreado, atravez de todos os logares e de todos os tempos... O enorme cão preto que a seguia das outras vezes, de ameaçadora bocca de fogo, não veio hoje e assim pôde ella livremente approximar-se da minha rêde, expressando o seu intento. Mas, ao sahir apressadamente, apressadamente tambem vi seguir uma figura exquisita, de horrenda cara e

modos bruscos: um moleque muito preto, com uma cauda, tal qual tenho visto a figura do maioral dos infernos. Lançou um olhar de raiva sobre a visão que desaparecia e deu esse tremendo estouro, que me fez sem sentidos e cujos efeitos ainda se sentem por essa abominável fedentina de enxofre. E eis o que me atirou a alma, concluiu, suffocado pelo esforço feito. Era uma pedra, mas uma pedra encantada e maravilhosa, através da qual os nossos olhos divisam uma infinidade de velas multicores, um espectáculo surprehendente, de suggestiva magnitude e incomparaveis bellezas. E eis a historia, senhor, dos soffrimentos que ainda hoje torturam o meu desditoso filho, ou a historia do «Bocca de fogo» como appellidou o povo destes arredores. Desde aquella noite memoravel, que nunca se me afugentará da lembrança, a figura da mulher triste deixou de vir e Vicente cumpriu religiosamente a promessa. Não vivi durante todo esse tempo de dores. A choupana é a desordem que vê. Estou velha e cada vez mais comprehendo menos os mysterios da vida!

Ahi tem a reproducção de tudo, dizia o bondoso amigo que possui ha quatro leguas desta cidade. Vi o moço doente e olhei através da pedra maravilhosa. E terminou com as palavras da velha:

—Cada vez comprehendo menos os mysterios da Vida!

Barras.

ARIMATHÉA TITO.



Clarão da lua sobre o mar

Sós, eu, a noite, a lua, o mar...
Dentro da solidão desta praia erma e calma,
Descerrei para a scisma os olhos de minh'alma.
É assim que eu gosto de scismar.

Olhos perdidos na amplidão,
Scismo, espaiando o olhar ao longe, até á curva
Onde, com o céu, o mar se confunde, e se turva
Quasi o sentido da visão...

A lua cheia nos confins
Do mar, do mar subindo ao amplo céu cobalto,
Lembra a taça do Rei de Thule, erguida ao alto
Por tristões, nymphas e delphins.

N'uma ascensão lenta e parcial,
Vai nas aguas deixando, em fulgido rastilho,
Moveis scintillações de esmeralda e vidrilho
Por sobre o liquido crystal.

E a natureza toda, com
O influxo que lhe vem da luz diaphana e pura,
Sonha enlevada ao luar. A luz se transfigura...
E a luz é côr, perfume, sons...

A leste, a oeste, ao norte, ao sul,
No mar, como na praia, em todo o espaço ambiente,
Torna, ao luar, um palor de luz opalescente
A concha concava do azul.

A areia fulva esplende á luz
Lunar: parece, então, que os comoros se movem,
E a praia é um corpo alvo e sensual de mulher joven,
Nuá, empinando os seios nús...

Tremeluzindo, ondas em flôr
Beijam-n'a, á praia clara, onde se quebram, umas
Após outras, febris, peroladas de espumas,
Em beijos lubricos de amor.

E ondas que vão e ondas que vêm,
Verdes, bravas, chofrando, em roridos marulhos,
Num confuso rumor de soluços e arrulhos,
Vão se espriar, ali, além...

E eu, recebendo esta emoção,
Reflicto: onde haverá mais amor, mais luxuria:
Na onda que lambe a praia, ou na praia que, em furia,
Bebe a onda com sofreguidão?

Quedo-me, absorto, ouvindo a voz
Do mar, em vibrações mais vivas quando afaga
E vence o vento, a vaga e, voluptuosa, a vaga
Vibra, voluvel e veloz...

E mais me engolfo em scismas, pois
Tento saber quem tem mais goso e sentimento:
A volupia da vaga? a vertigem do vento?
O vento ou o mar? qual delles dois?

E fico em duvidas, o olhar
Bebendo a luz do luar que se infiltra em minh'alma...
E é o extase da luz o luar na praia calma,
A luz da lua sobre o mar!

CONTROVERSIAS CONSTITUCIONALES

I

Intervenção do Estado na verificação de poderes do município.

Escapava aos moldes de Pacto politico fundamental da Republica, definir a autonomia municipal. E' claro, porem, que a limitou á esphera daquillo que respeite ao interesse immediato da communa. Não criou, assim, um typo modelar, deixando que os Estados a organisassem com maior ou menor amplitude de obrigações e direitos. E disso temos exemplo frisante na diversidade das organizações que se observam no pais—das mais liberaes—em que se lhe concede a prerrogativa de se constituir, votar sua lei organica, ser independente quanto á administração; a outras em que se restringiu, tanto, a esphera de sua competencia, que nem mesmo se lhe deixou o direito de eleger o chefe do seu executivo—nomeado pelo governador ou presidente do Estado.

Foi o que levou o deputado Mello Mattos a dizer (sessão da Camara de 11 de agosto 1903) que, desde que não é uniforme a organização das municipalidades, *é impossivel dizer em que consiste a autonomia municipal*, o que fica dentro do seu raio de acção, o que a fere.

Escreve, a proposito, Aristides Milton (*A Const. do Brazil—1898—pag. 346—347*):

A independencia municipal, ninguem já hoje contesta, é a grande força dos povos livres, conforme a justa formula de Tocqueville (*La democratie en Amerique* cap. V). Não

obstante, é mister que essa independencia não chegue ao exaggero de invadir a esphera da competencia de outros institutos, pois na propria *Suissa, que é modelo do regimen federativo* e da democracia temperada pelo bom senso, na bella phrase de Bernard d' Harcourt, *todas as communes e autoridades communaes estão collocadas debaixo da fiscalização do governo cantonal.*

Barbalho ensina, a seu turno (*Const. federal braz. com.*—1902—pag. 283) que *nas Constituições estadoaes é que cabe tratar das condições do organismo municipal.*

No mesmo sentido manifesta-se Carvalho de Mendonça ao escrever que *é preciso não se estender a aspiração à autonomia municipal ao limite absoluto em que a metaphysica collocou os pretensos direitos naturaes do individuo. Nos governos federativos actuaes, não se deve chegar até o ponto de collocar o municipio em relação aos Estados, como estes estão para com a União. O municipio é uma subdivisão do Estado e deve manter-se em íntima relação de união e dependencia. O Estado gosa de uma certa funcção politica como desdobramento da vasta funcção politica da União. O municipio deve ter somente funcções administrativas, como parte do grande todo administrativo do Estado. Ha nisso, por assim dizer, uma dupla integração: reunidos os municipios, forma-se o conjuneto administrativo do Estado, do mesmo modo que a reunião destes faz a grande unidade nacional.* (*Direito*, vol. 102, pags. 217—218.)

O dr. João Mendes Junior, em magistral artigo publicado na *Revista de Direito* (vol XX, pag. 251) doutrina:

«Os municipios não tem qualquer autonomia politica: por isso não podem organizar-se. A sua organização é conferida aos Estados: elles têm, entretanto, autonomia administrativa naquillo que, sendo do seu interesse, absolutamente proprio, ou peculiar, depender de sua acção directa e immediata (art. 68). Mas o municipio, mesmo perante o Direito Publico Internacional, é um incertum corpus—visto que, em qualquer tempo, pode ser dividido, desmembrado, ou limitado por lei do Estado.»

E' essa a doutrina. Os mais acatados jurisperitos ahi depoem contestemente sobre as limitações em que devem ser entendidos os termos do art. 68 da Constituição da Republica. Todos opinam por uma subordinação relativa ao Estado—vendo nisto uma condição de equilibrio entre as relações de um e outro. Todos entendem que a Constituição deixou ao Estado e organização das communes—a qual, deste modo, pode soffrer maiores, ou menores restricções. O contrario, a autonomia ampla, illimitada, fôra constante ameaça à segurança do regimen, pela invasão da anarchia em uma das tres grandes cellulas das instituições.

Encaremos, no entanto, o assumpto, á luz do disposto na Constituição piauihyense. Ahí se preceitúa que o município é «autonomo e independente em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse» (art. 72).

D'esses termos amplos, parecera, sem mais exame, que a *Lex legum* piauihyense deixara á organização das communas todo o elasterio. Mas, *incivile est nisi tota lege perspecta, una aliqua particula ejus proposita judicare vel respondere*. Não se deve decidir a materia somente pelo disposto nesse artigo.

O legislador constituinte dedicou-lhe um capitulo inteiro de sua obra. E' estudando-o, que se lhe pode apprehender o pensamento e tornal-o preciso.

Ora, si o fizermos, veremos que o nosso regimen municipal é dos menos liberaes, dos que ficaram mais directamente presos á acção coercitiva do centro, sendo os municípios pouco mais de meras corporações administrativas.

E' assim que, si o governo municipal é electivo, sempre se admittiu recurso d'essa eleição, (leis n.º 15 de 8 de agosto de 1892, n.º 106, de 27 de junho de 1896, n.º 388 de 29 de julho de 1905, n.º 522, de 30 de junho de 1909, n.º 666, de 29 de junho de 1912), variando, apenas, o poder que devia conhecê-lo—até á lei de 1896, o tribunal de justiça; dahí em diante, a camara legislativa, ou o governador, no intervallo das sessões. E' assim que a subordinação é terminantemente expressa, na mesma Constituição, quando concede ao poder legislativo estadual a faculdade:

- I estabelecer a lei organica dos municípios;
- II fixar o numero dos membros do concelho municipal;
- III determinar o numero e o modo das sessões do mesmo;
- IV criar as attribuições do concelho e as do intendente;
- V definir o modo da substituição dos membros do concelho e do intendente;
- VI legislar sobre os casos de suspensão das funções de uns e outros;
- VII dizer qual a autoridade competente para decretar a suspensão (1);
- VIII alterar a divisão actual dos municípios (2);
- IX annullar posturas e deliberações do concelho:
 - a) quando contrariarem as leis do Estado ou da União;
 - b) quando offenderem direitos de outros municípios;
 - c) quando criarem contribuições manifestamente exces-

(1) Dispõe o art. 79 d' Constituição piauihyense: «Na lei organica do município, o poder legislativo do Estado estabelecerá o numero dos membros dos concelhos municipaes, o numero e o modo das sessões, suas attribuições e as do intendente executor, as substituições dos membros do concelho e a do intendente, os casos de suspensão das funções dos mesmos, e qual a autoridade competente para decretal-a.»

(2) Dispõe o art. 73 da Const. citada: «E' mantida a divisão actual do territorio do Estado em circunscripções municipaes, enquanto não for alterada por lei.»

sivas,—havendo representação de cincoenta contribuintes, pelo menos. (3) Mais. Devem os concelhos enviar, semestralmente, ao governador e á camara, copia de todos os seus actos legislativos, (4) Mais ainda. O governador tem competencia para, no intervallo das sessões da camara legislativa, suspender posturas e deliberações dos concelhos (5).

Em face d'essa enumeração, perguntava eu, a que se reduz, no Piahy, a autonomia municipal? Lei organica, numero de concelleiros, numero e modo das sessões, modo de substituições, suspensão de funcções, alteração de limites territoriaes, annullação de posturas e deliberações, tudo o constituinte entregou ao poder legislativo estadual. E acrescentava:

Si necessidade houvera de mais clareza, toda a luz seria feita confrontando-se o art. 72, com o art. 75. Diz o ultimo:

O poder municipal é conferido a um concelho que legislará sobre a materia de sua competencia e a um intendente executor de suas deliberações.

Paragrapho unico. *O concelho municipal e o intendente têm competencia para deliberar sobre todos os serviços que importarem á VIDA ECONOMICA E ADMINISTRATIVA do municipio, não contravindo ás leis e regulamentos federaes, ou do Estado; e para orçar sua despesa e receita, criando contribuições que não affectem materia privativamente tributavel pela União, ou pelo Estado, e não forem incompativeis com os principios estabelecidos nas respectivas Constituições.*

São disposições que se completam. A primeira (art. 72) diz que o *municipio é autonomo e independente em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse*; a segunda (art. 75) diz como devem ser entendidas essa autonomia e essa independencia—quando define quaes os orgams do municipio e quaes as suas funcções—um encarregado de legislar sobre *materia de sua competencia* (o concelho); outro, o executor das deliberações (o intendente.) A autonomia e a independencia, é logico e è natural, devem girar dentro da competencia d'esse orgams. Tudo que exceda á mesma, excede á autonomia e á independencia do municipio. O legislador con-

(3) Dispõe o art. 76 da cit. Constituição: «As posturas e deliberações dos concelhos municipaes só poderão ser annulladas pela camara:

- I Quando contrariarem as leis do Estado, ou as federaes;
- II Quando offenderem os direitos de outros municipios;
- III Quando criarem contribuições manifestamente excessivas, havendo representação de 50 contribuintes, pelo menos.»

(4) Dispõe o art. 78 da Constituição cit: «Os concelhos municipaes enviarão ao governador e á camara, semestralmente, copia de todos os seus actos legislativos.»

(5) Dispõe o art. 77 da cit. Const.: «Não estando reunida a camara, ao governador compete suspender taes posturas e deliberações, sendo obrigado a levar a suspensão ao conhecimento daquella na sua primeira reunião.»

stituinte, por isso, não se esqueceu de a traçar, restringindo-a, unicamente, aos actos e serviços que importem á vida económica e administrativa da communa,— á votação de sua lei de meios e ao estabelecimento de um systema tributario que não atinja o da União, o do Estado, ou qualquer proscricção constitucional (art. 75). Este artigo completa, deste modo, o art. 72. O pensamento do legislador, apenas esboçado em um, precisa-se, toma vulto, assume toda a nitidez no outro. Ficam traçados os limites que elle quiz dar á autonomia do município. Enquadrou-os na competencia do poder municipal. E fixou o raio de acção d'essa competencia, definindo o que se deve entender por "peculiar interesse", o que seja, onde começa, onde termina. (6)

Noutra parte, ainda escrevi:

Demonstrado ficou que a autonomia é limitada áquillo que respeite ao peculiar interesse da communa. Demonstrado ficou, deante do estudo feito dos trabalhos da Constituinte, da opinião dos mais distinctos commentadores da Lei Magna da Republica, de accordans do Supremo Tribunal, que o legislador deixou aos Estados a organização dos municípios. Demonstrado ficou originar-se d'ahi a diversidade de organizações assignalada na federação, a falta de um typo especifico de organização communal, a maior e menor amplitude de attribuições que lhe foram conferidas. Evidente é, portanto, que aos Estados se deixou a faculdade de definirem o que seja peculiar interesse das communas, ao traçarem a sua competencia.

Não sendo assim, qual o criterio a adoptar para saber quando exorbitam as legislaturas estadoaes, no tocante á autonomia que as communas devem ter em tudo que respeite ao seu proprio interesse? Por que uma disposição não iria de encontro a essa autonomia, emquanto outra collidiria? Por que fere a Constituição a lei que estabelece recurso da apuração de eleições municipaes para o governador e para a camara legislativa—os dois poderes politicos por excellencia, pois que são os unicos que vem, directamente, do povo, e não a fere a que dá ao poder judiciario competencia para o conhecer? Por que collide com o Pacto de 24 de fevereiro o dispositivo que criou o recurso da apuração, e não collide o que torna o intendente de livre escolha do presidente ou governador (como acontece em varios Estados)? Attinge-se o peculiar interesse da communa em o caso do recurso e não se attinge no da nomeação? (7)

Não é logico responder pela affirmativa.

Accresce que, como lembra Mello Mattos no discurso a que me referi, se devem ver no município dois aspectos distinctos: o orgam dos interesses da communhão local e o agente da acção administrativa do Estado. *Como orgam do*

(6) *Autonomia municipal*, pags. 17—18.

(7) *Op. cit.* pag. 27.

governo local, representa uma collectividade politica, formada por interesses communs e relações naturaes de caracter territorial, com poder proprio e restricto, direitos e deveres distinctos; e, nessa qualidade, pertence á communhão municipal o seu governo interno, administrativo e economico. *Como agente do governo estadual*, é um membro do poder governamental do Estado, é uma parcella da administração geral, uma parte integrante do Estado, uma subdivisão administrativa d'elle. É um representante do governo estadual na gestão do territorio circunscripto á localidade. É um depositario implicito da autoridade geral. Nesse character, a corporação municipal exerce funcções que attingem ao cidadão, como *estadano* e não só como munícipe; desempenha encargos concernentes a assumptos que não interessam de modo directo ao governo do municipio, como tal. Nada mais justo, pois, que lhe respeitar a autonomia quando a communa é o orgam das aspirações e das necessidades dos muncipes. Ao lado desta feição, porem, concorre a outra: ao lado do orgam dos interesses locais, está a cellula politica do Estado, presa a elle directamente, parte integrante do todo, com acção que lhe transpõe as fronteiras e se reflecte fóra, com funcções de character geral. Então, já se não trata de interesses dos cidadãos; sua acção já se não reflecte sobre o individuo como habitante de uma determinada faixa de territorio,—mas sobre o habitante do Estado: a autoridade que exerce, não interessa ao governo da communa—interessa á ordem geral, á direcção de todas as communas.

Nestas condições, é absurdo pretender que a constituição do poder municipal seja assumpto do peculiar interesse do municipio. Esse poder é um depositario implicito da autoridade geral. Mais de uma vez são os concelhos chamados a desempenhar attribuições importantes, já na organização das commissões de revisão do alistamento eleitoral, já na junta de apuração das eleições federaes, (lei federal n.º 1269 de 15 de novembro de 1904), já na apuração de deputados estadoaes, já quando os concelheiros, na falta do juiz de direito, do juiz districtal e de seus supplentes, exercem função judicativa, (lei estadual n.º 652, de 25 de julho de 1911, art. 193).

Assim, a eleição do governo municipal está longe de ser de exclusivo interesse regional. Assim, tirar aos municipios a competencia privativa de julgar da validade de suas eleições, não é destruir-lhe a autonomia, desde que esta tem barreiras em determinada circunscricção de territorio e a eleição é um acto que somma ao exercicio do governo dessa circunscricção attribuições de character geral. Si o governo da communa sò exercesse funcções que interessassem aos muncipes, é de ver que somente ao municipio competia julgar da sua validade, e que, submeter tal julgamento a um dos poderes do Estado, fóra attingir a autonomia que lhe garante a Constituição. Desde que a suas funcções de interesse local reúne outras de character geral, é impossivel contestar ao Estado a fiscalização do modo por que for constituido. Esse governo,

assim, não é somente um organ de interesses locais, é, muitas vezes, um organ da autoridade do Estado. E como aeste não cumprir fazer que esse organ seja, sempre, legitimamente constituído?

Accrescente-se que, *ex-vi* do art. 79 da Constituição do Estado, a lei organica do municipio devia estabelecer os casos de suspensão das funcções de concelheiro e dizer qual a autoridade competente para a decretar. E estabeleceu-os, dando ao governador autoridade para isso. D'ahi, poder elle *suspender* um concelho constituído, legalmente eleito, empossado e funcionando regularmente. Como não poder, então, conhecer do recurso de uma dualidade, em que, forçosamente, ha um intruso que pretende ter sido eleito?

Pois bem. Portudo isso foi que a citada lei n.º 522, de 1909, determinando se fizesse a eleição para intendente e concelheiros ao mesmo tempo, mandou que o seu processo fosse regulado por lei já existente no Estado (arts. 15 e 16) e que a cit. lei n. 666 determinou que a eleição se realizasse a 12 de outubro. Desse modo, ella não reveste character exclusivamente regional,—è feita no mesmo dia em todo o Estado, e seu processo é regulado por este. Ora, si quem pode o mais pode o menos,—como pretender que o Estado que, *ex-vi* do art. 79 da sua Const. politica, tem, como vimos, attribuições para estabelecer o numero dos membros do concelho municipal, numero e modo das sessões, modo das substituições, casos de suspensão de funcções; o Estado que marca o dia das eleições e o processo do voto—inclusive a apuração (lei n.º 522, art. 17 e segs.) não possa intervir em caso de fraude? Pode suspender concelheiros, pode suspender intendentes—e não pode conhecer de sua eleição? Pode regular todos os actos da mesma e os regulou—mas não pode intervir quando a apuração é fraudulenta? Pode dizer como deve ser feita a eleição—mas, no caso de faltas que a viciem, não lhe é dado intervir? A autonomia municipal só é attingida com o recurso,—não é com o mais?

Está visto que não. Si o Estado podia impôr aos municipios o processo eleitoral para a constituição do seu governo—e podia e o fez, podia tambem definir os casos de fraude e decretar remedio legal contra a mesma. Não o pudera e seria a desordem e a anarchia.

Com effeito. Realizadas duas eleições, uma, regular, outra, fraudulenta; *eleitos* e *empossados* dois concelhos para um só municipio,—qual o meio de fazer triumphar o governo legitimo? O *habeas-corpus*? Antes de tudo, é difficillimo saber, nesses casos, onde se encontra a verdade, maximé quando os *dois* concelhos podem lançar mão d'esse recurso ao mesmo tempo. Depois, para que a ordem seja concedida, é necessario que o individuo soffra, ou esteja em imminente perigo de soffrer violencia, ou coacção, por illegalidade, ou abuso de poder (Const. federal art. 72, § 2º) Nenhum dos concelhos soffria, nem estava em perigo de soffrer tal violencia,

ou coacção, pois que a apuração era definitiva, ambos se diziam legalmente apurados e ao Estado não cabia decidir-se por um contra outro. Logo, não era caso de *habeas-corpus* e a consequencia da dualidade fôra uma subversão da ordem.

O decreto legislativo do Estado ficaria, assim, letra morta, Vingaria a fraude. A verdade das urnas não encontraria apoio na reacção pacifica dos eleitos—dentro da lei e dos factos. E, desta forma, o Estado seria impotente para evitar que fossem falsos os orgams directores do mais importante dos seus nucleos. Deste modo, tivera de permittir que uma parcella de sua autoridade fosse exercida por illigitimo representante.

A verdade, porem, em face do que, ao correr da penna, adduzi, é:

a) que a autonomia municipal se reduz a factos de policia, economia e administração, circunscriptos ao patrimonio territorial da communa;

b) que a eleição do governo municipal interessa não somente aos muniçipes, mas ao *centro*—pelas attribuições de character geral que as leis conferem ao mesmo governo;

c) que não podem as communas arrogar-se a faculdade de ser o juiz supremo da validade dessas eleições, aliás reguladas por lei estadoal, pois que, sendo o governo do municipio, como mostrei, depositario implícito de uma parcella da autoridade do Estado, a este não podem deixar de interessar, immediatamente, taes eleições;

d) que, assim, a regulamentação do processo d'essas eleições não fere a autonomia da communa;

e) que, desse processo, são parte visceral a discriminação dos casos de fraude e o recurso para que não vingue;

f) que não se limitando os effeitos da fraude á vida da communa, deve o recurso ser decidido por um dos poderes do Estado;

g) que não sendo as eleições materia de peculiar interesse do municipio, não importando ellas em interesse exclusivamente local, mas envolvendo interesse geral, o recurso, em caso de fraude, não attinge á autonomia municipal—garantida, apenas, em o que se refere ao *peculiar interesse*, ou seja ao interesse proprio, ao interesse immediato da communa;

h) e, deste modo, não attingindo o recurso a autonomia municipal, uma vez que os interesses envolvidos na eleição do governo communal excedem ao campo em que essa autonomia se circunscreve e, mais, tendo elle assento em lei, como tem, é rigorosamente constitucional e legal.

* * *

Uma consequencia decorre, logica e fatalmente, d'essas conclusões: a legitimidade da comissão a que se refere o § unico, art. 28, da lei n.º 522, de 30 de junho de 1909.

Reproduzo esse dispositivo:

«Art. 28. Será pronunçada a nullidade da eleição quando houver prova plena de fraude que prejudique seu resultado; e a validade, quando o processo eleitoral estiver escoimado dos vícios indicados.

§ unico. No caso de dualidade de eleição por duplicata, o governador do Estado nomeará uma commissão de cinco membros para proceder á nova eleição dos membros que têm de compôr o governo municipal.

Na mesma lei se encontram ainda as seguintes disposições:

«Art. 14. Durará quatro annos o mandato do concelho municipal.

«Art. 49. No dia 1.º de janeiro do primeiro anno do quadriennio, *independente de convocação*, reunidos os membros eleitos e diplomados do concelho municipal no edificio onde funciona o concelho, *tomarão posse dos logares* para que foram eleitos, occupando a cadeira da presidencia o que tiver sido mais votado, ao qual incumbe presidir á eleição do *presidente effectivo que, em acto successivo, occupará seu logar e presidirá a eleição do vice-presidente*».

Conclue-se dos dois ultimos artigos:

- 1.º que o mandato de concelheiro dura quatro annos;
- 2.º que a posse é a 1.º de janeiro;
- 3.º que, empossados, nesse dia, são eleitos o presidente e o vice-presidente, os quaes, por sua vez, immediatamente, se empossam.

Deante d'isto, qual a situação do municipio, annulladas suas eleições? O mandato dos concelheiros termina a 31 de dezembro, improrogavelmente. O concelho substituto, entretanto, não foi eleito, — que o mesmo é ter sido com vícios que lhe annullem a eleição. Deve ficar acéphala a communa?

E' evidente que a discussão gira, toda, em redor da constitucionalidade do recurso. Si o governador pode provel-o, pode nomear a commissão, pois é inadmissivel qualquer solução de continuidade na direcção da communa; é inadmissivel que, havendo duplicata de concelhes, sendo ambas as eleições fraudulentas e, por isso, annulladas; estando findo o mandato do concelho existente, não se procedam a novas eleições e fique o municipio sem governo em os quatro annos seguintes. Si é, portanto, admissivel o recurso, repito, é admissivel a existencia legal da commissão. Esta decorre daquelle.

Mas, julgo ter provado, exuberantemente, a constitucionalidade, a legalidade, do recurso. A nomeação da commissão, é, apenas, um facto complementar, legitimo como o conhecimento daquelle, imperiosamente imposto pela lei e pelas circunstancias — desde que o municipio não pode e não deve ficar sem governo.

Nem cause extranheza que, expirado o mandato do governo municipal, o substitua, até á posse de outro, a commissão alludida. Facto identico acontece quando é criado um

município novo: é da competência de governador nomear os concelheiros e o intendente provisórios. Installado, promovem elles a eleição do governo definitivo... A situação é, absolutamente, semelhante.

Aliás, tenho ainda em meu apoio mais de um accordam da Suprema Corte de Justiça do país, como vamos ver.

Tendo o governo do Paraná mandado que a camara municipal do Rio Negro apurasse a eleição feita no município da Lapa, João Teixeira Saboia e outros propuzeram, perante o juiz federal, ãa acção com o fim de annullar aquelle acto. Julgando-se competente essa autoridade, subiram os autos, em recurso de agravo, ao Supremo Tribunal, sendo provido para mandar que o juiz se considerasse incompetente. Eis alguns dos fundamentos do accordam:

«Considerando que a Justiça Federal só é competente nos termos do art. 60, letra *a* da Const. quando a causa se rege, directamente, por esta, isto é, quando a acção se funda em uma disposição expressa e especial que, por si só, defina inteiramente os poderes que confere, as garantias que assegura e as prohibições que faz, independente de leis extrañas ou de interpretações doutrinarias, podendo, por si só, servir de fundamento jurídico da acção (accs. n. 1.197 e 1.221 de 1906; 887, 934, 935, 989, 998 e 1.000 de 1907; 491, de 1908;

«Considerando que nestas condições *não se acha o art. 68 da Const. que não declara precisamente em que consiste a autonomia municipal, nem quaes os seus limites necessarios, DEPENDENDO ISTO DE LEIS ESTADOAES que definam o que, dentro do municipio, constitue o interesse peculiar deste com exclusão do interesse do Estado...*» (acc. de 13 de janeiro de 1909, *Rev. de Direito*, vol. XII, pag. 522 e segs., *Direito*, vol. CIX, pag. 98.)

Os termos são os mais terminantes, para que seja preciso discutil-os. Continuemos.

Por força do art. 307 do cod. do proc. crim. paulista, não revogado nem modificado pela lei n. 365 de 2 de setembro de 1895, são as camaras municipaes de S. Paulo condemnadas nas meias custas do processo em que decahe a justiça. Proposta ãa acção executiva para as haver, foi contestado o direito do exequente sob o fundamento de inconstitucionalidade dos dois dispositivos dados como infringentes da autonomia do município. Correu a acção, havendo, afinal, recurso extraordinario e decidindo o Supremo Tribunal que, tanto a lei como o citado art. 307 do cod., não collidem com a autonomia municipal, garantida pelo art. 68 da Const. federal, conforme sempre se tem entendido e já foi decidido por esse Tribunal em recurso extraordinario identico. (acc. n. 495 de 1 de setembro de 1909, no *Diario Official* 22 março 1910.) Ora, a exigencia ali creada, a obrigação imposta ás municipalidades

no tocante a essa despesa, seria insustentável com a *autonomia da* *lei* — pois o Estado não pudera intervir na organização *ou* da lei de meios da communa estabelecendo, forçosamente, uma verba. Tivesse a illimitação que se pretende e o Estado não poderia criar-lhe esse onus. A despesa e a receita são assumpto de interesse local. No entanto, até ahí pode chegar, legalmente, a intervenção do centro...

No mesmo dia, era decidido outro ponto interessante. Uma lei local dá ao Tribunal de Justiça desse mesmo Estado, a faculdade de intervir na verificação de poderes dos municipios. Houve disso, num caso da camara do Rio Bonito, recurso extraordinario, por se entender que a intervenção ia de encontro ao art. 68 do Pacto de 24 de fevereiro: o Supremo Tribunal não tomou conhecimento d'elle. (acc. n. 558, de 1. de setembro de 1909, no *Diario Official* de 17 de maio de 1910.)

Ainda nesse mez decidiu-se outro recurso extraordinario sobre cobrança judiciaria de custas á municipalidade de S. João do Currealinho, sob o mesmo fundamento de inconstitucionalidade. Negando-lhe provimento, firmou esse Collendo Tribunal:

... que o questionado art. 307, incorporado á legislação paulista, não é incompatível com a *autonomia do municipio*, desde que ainda compete á lei estadual traçar as linhas gerais dos orçamentos municipaes, definindo as fontes de receita e as despesas de caracter communal, ficando reservadas á competencia da legislatura municipal os detalhes de taes orçamentos. E mais:

... que não é tão absoluta, como se pretende, a *autonomia municipal*, uma vez que a acção do municipio está subordinada á fiscalização do Estado, que pode suspender e annular as resoluções e posturas municipaes que infringirem os direitos ou leis do mesmo Estado... (acc. n. 510, de 25 de setembro de 1909, no *Diario Official*, de 23 de março de 1910.)

E' quasi a mesma subordinação que vimos haver no Piauí. Mas, continuemos.

A 24 de março a 1909 decretava o concelho municipal de S. Amaro (S. Paulo) a perda de mandato de varios concelleiros. Requerido *habeas-corporis* o Supremo Tribunal negou-o (acc. n. 2:893, de 23 de julho de 1910, no *Diario Off.* de 25 de junho de 1911) porque não fôra interposto o recurso permittido no art. 82, § unico e 45 § 18 da Const. de 23 de maio...

O caso seguinte é typico. Fundando-se nas leis locais de 17 de dezembro de 1892 e 21 de setembro de 1910, o presidente da Parahiba dissolveu o concelho municipal de Campina Grande. Impetrado *habeas-corporis* ao juiz federal, foi denegado, havendo recurso para o Supremo Tribunal que lhe negou provimento para confirmar, por seus fundamentos, a decisão recorrida, *porquanto é legal o acto do Presidente do Estado* e d'elle não resultou constrangimento á liberdade

Individual dos recorrentes». Acrescenta a decisão que assim «já julgou o Tribunal em sede de 5 de janeiro de 1907, não tomando conhecimento de *habeas corpus* impetrado pelos mesmos motivos e com eguaes fundamentos pelos *concelheiros municipaes da villa do Teixeira* do mesmo Estado da Parahyba» (acc. n.º 2: 975, de 26 de novembro de 1910, no *Diario Off.* de 15 de janeiro de 1911).

Motivando seu voto, nesse accordam, diz o iatrego magistrado e notavel juristaconsulto, o sr. ministro Pedro Lessa:

«Neguei a ordem impetrada, porquanto, tendo sido dissolvido o concelho municipal de Campina Grande, em consequencia de uma lei votada pelo Poder Legislativo do Estado da Parahyba, não me pareceu demonstrada a inconstitucionalidade do acto contra o qual foi requerida a ordem de *habeas corpus*».

Trata-se de um caso expressivo: a extincção de mandato de concelheiro por um acto do executivv estadual, em virtude de autorização dada num decreto legislativo. Duas vezes, a autorização foi usada—no caso da villa do Teixeira e no de Campina Grande. Duas vezes o facto foi levado ao Supremo Tribunal que lhe não recusou constitucionalidade, nem legalidade—donde a conclusão logica de que, praticando-o, não feriu o presidente peculiar interesse do municipio, não attingia a autonomia garantida no art. 68 da Const. federal. E isto ficou ainda mais evidente porque, não se conformando aquelles concelheiros, impetraram, originariamente, outra ordem ao mesmo Collendo Tribunal, que a denegou—considerando que a dissolução do concelho não foi acto arbitrario do presidente do Estado—*mas a consequencia necessaria das leis estaduais de 17 de dezembro de 1892 e 21 de setembro de 1910*, pois que a primeira dissolve os concelhos no caso de annexações, ou desmembramentos de municipios e a segunda annexou ao municipio da Soledade uma parte do de Campina Grande; e, portanto, não se dá imminente perigo de violencia, ou c acção illegal». (acc. n.º 2:983, de 31 de dezembro de 1910, no *Diario Off.* de 28 de julho de 1911).

Vejamos outro julgado.

Tendo havido dualidade de apuração das eleições para superintendente, concelheiros municipaes e juizes de paz de Joinville (S. Catharina) recorreu contra uma dellas o dr. Abdon Baptista para o congresso representativo do Estado, por intermedio do governador, que baixou o dec. n.º 586 de 29 de dezembro de 1910 suspendendo ambas as apurações.

Não se conformando com isso, requereram, Otto Boehm e outros, *habeas corpus* ao Supremo Tribunal de Justiça que o negou. Interposto recurso voluntario para o Supremo Tribunal, este lhe não deu provimento porque não se mostrou que houvesse, no acto, illegalidade, ou abuso de poder, desde que:

-a) a governador nada mais fez do que cumprir a lei do

Estado n. 528, de 13 de setembro de 1901, *lei não offensiva da autonomia ADMINISTRATIVA do município naquillo que é do seu interesse peculiar* (Const. da Republica, art. 68).

«b) pelo disposto no art. 8.º principio e paragrapho unico dessa lei, «da apuração das eleições dos concelhos municipaes, superintendentes e juizes de paz, no caso de dualidade, cabe recurso para o congresso representativo, sendo as respectivas petições dirigidas ao governador do Estado, que as encaminhará, opportunamente, á mesa do congresso;

«c) segundo o art. 10., o recurso tem effeito suspensivo, competindo ao governador, desde o momento em que entre no conhecimento do mesmo, providenciar no sentido de que continuem no exercicio das respectivas funções o concelho, o superintendente e os juizes de paz do periodo legal transacto...»;

«d) foi por isto que o governador, recebendo recurso documentado, praticou o acto contra o qual se recorreu sob a *falsa allegação* de inconstitucionalidade. Este accordam (n. 3:005) é de 2 de maio de 1911.

Vê-se, pois, quanto são uniformes as decisões. Consultando o *Diario Official*, de 1909 em diante, apenas deparei um accordam em contrario (n. 600 de 21 de janeiro de 1911, *Diario* cit. de 21 de julho do mesmo anno). (8) Mas, esse mesmo, assignado por treze snrs. ministros, contem cinco votos vencidos e dois com restricções. Mais ainda. O venerando magistrado, o snr. ministro Guimarães Natal, fez nelle a seguinte declaração escripta: «Vencido, com varios accordams do Supremo Tribunal considerando constitucionaes leis dos Estados que instituem recurso das decisões da autoridade verificadora de poderes dos concelhos municipaes para o poder judiciario».

Ora, a frequencia das decisões mencionadas, a raridade das decisões em contrario,—o numero de votos vencidos que subscrevem o accordam que mencionei,—dizem, eloquentemente, qual a doutrina victoriosa no Supremo Tribunal Federal. E' a traduzida na quasi generalidade dos accordams, isto é, que o art. 68 do Pacto de fevereiro, nos termos geraes e imprecisos de sua elaboração, não declarou, «em que consiste a autonomia municipal, nem quaes os seus limites necessarios, *dependendo isto de leis estadoaes que definam o que, dentro do município, constitue o seu interesse peculiar*. E não só na jurisprudencia, como na multiplicidade de typos communaes que provieram da imprecisão, aliás imposta pelas condições do pais— a grande extensão territorial, a diversidade de costumes, as diffe-

(8) Abstraiço dos relativos ao concelho do Districto Federal. O Districto tem organização especial. Tado ali é diverso do que se passa nas demais communas da federação.

renças de situação económica. Fôra um erro criar um typo específico, uma organização modelar que servisse para o sul—em pleno regimen industrial, gosando de todas as facilidades de communicações, com intensa vida local em cada municipio, com uma população heterogenea; e para o norte e centro—pastoril, ou agricola, sem meios de transporte e com rudimentares vias de communicação, com alarmante concentração de vida nas capitaes, e uma população sem iniciativa, herdeira do espirito conservador do antigo regimen. O legislador constituinte não o commetteu. Garantindo a autonomia das communas, sem a definir, deixou que os Estados lhe dessem o elasterio indispensavel á fomentação dos proprios recursos e ao incremento da vida local—de accordo com as necessidades e com a situação de cada um. Foi o que os Estados fizeram. Foi o que aceitou o interprete maximo da Lei das leis da Republica. Foi, portanto, o pensamento triumphante—não sò na Constituição federal, porem, como vimos, nas Constituições locaes, nas leis dos Estados, na doutrina e na jurisprudencia.

Pois a isso tudo é que pede apoio a legislação do Piauí no tocante á intervenção do Estado na verificação de poderes do municipio. Notei os limites que a Constituição piauiense, ao exemplo das demais, traçando a esphera da autonomia municipal, lhe marcou. Vimos que esta não vai além das necessidades economicas e exigencias da administração—como tambem que a constituição do governo da communa, com as suas attribuições, não tem interesse exclusivamente regional:—interessa ao Estado e interessa á propria União—dos quaes è organo mais de uma vez. Acabamos de ver, agora, que a pratica do regimen, pelos organos mais importantes da vida nacional, justifica a feição que a Constituição piauiense e leis posteriores imprimiram ás communas do Estado.

Abdias Neves.



SOMBRAS

Karnak, velho solar, ermo, tristonho,
Meu legendario e funebre castello,
Sombra, esqueleto, espectro de meu sonho...

Lembrando o teu perfil bisarro e bello,
O antigo luxo, as graças, a alegria,
Evoco a sombra de apagado anelo.

Anteriormente em teu logar havia
Verdes campos em flor e humildes choças
—A velha, a agreste e singular poesia.

Ruiram no chão as rusticas palhoças,
E, desbravado o sólo, aniquilou-se
Todo o aspecto bucolico das roças.

O paganismo positivo e doce
Do bravio mangal e das cabanas
Em graça egregia e fria transformou-se.

Eis ja de flores raras te engalanas:
Levantam-se alinhadas as palmeiras
Nobres, altas, nostalgicas, ufanas.

Tudo mãos femininas, feiticeiras,
Vão dispendo, com arte e com carinho,
Para inveja das outras jardineiras.

Coitada! Ai não pensara em tanto espinho,
Em tanta escuridão, em tanto frio,
Nem que tão cedo abandonasse o ninho.

Era tão bello aquelle sol de estio!
Não pensava que a Morte a ella abrisse
Os braços tão depressa como abriu!

Tudo, com archangelica meiguice,
Tudo, tudo, vigiava e corrigia:
Nada era feito ali sem que não visse.

A trepadeira florida encobria
O tanque de aguas limpidas e frescas:
Era um perpetuo amanhecer de dia!

Suggestionava historias romanescas:
Ali, por entre as flores perfumadas,
Desdemonas, Ophelias e Francescas,

Vagavam como sombras vaporosas . . .
Syrinx ali fugira ao régio Pan,
Corça esquiya, entre as arvores umbrosas.

E, enfim, vencendo-a o Deus na fuga vã,
Em verde canna subito mudara
E o Deus vencera a sylphide pagã.

O branco mouro extranho não sonhara
Hemicyclos de seixos pequeninos
Em seus palacios de belleza rara . . .

Perto se ouvia o bimbalar dos sinos
No templo que nasceu junto comigo,
E onde escutei primeiro os sacros hymnos.

Volvo atraz do caminho por que sigo
E já nem vejo as torres da alta igreja,
—Sonhos despersos do meu tempo antigo.

Tudo uma nuvem tragica negreja:
Deixei lá numa tumba parte d'alma
Onde a saudade agonica viceja.

Guarda o sepulchro um anjo de asa espalma:
Vêde em que triste symbolo resumo
A minha antiga e constellada calma.

Eis o passado: uma espiral de fumo...

Flor do perdão, Maria, ó Mãe piedosa,
Guia no Val de Lagrimas teu filho,
Para que vença a guerra tenebrosa.

Marca-me o verdadeiro e nobre trilho!
O conselho e o consolo dos teus olhos
Aclarem sempre a estrada que palmilho!

Forra de arminho os cardos e os abrolhos;
Rasga sulcos de luz no escuro pego!
Accende altos pharóes sobre os escolhos!

Sobre o oceano traidor porque navego,
Ha vendavaes e perfidas sereias...
Não abandones nunca o pobre cego!

Tú que és divina e tudo, tudo enleias
Com teu poder angelico e profundo,
Cuja vida revive em minhas veias.

E andas agora em constellado mundo:
Dá que não ouça canticos de ondinas,
Manda que aquiete o pelago iracundo!

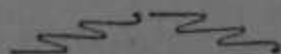
Armam-se em guerra invejas pequeninas;
Toda a miseria humana a mim que importa,
Si tenho a calma e a intrepidez leoninas,

Para vencer a Sorte incerta e torta?
Que importa a mesma Dor tumultuaria,
Si uma santa me alenta e me conforta?

O' Sorte torta, tenebrosa e varia,
Sorte, que o Riso e as lagrimas espalhas,
Tenho commigo a força legendaria-

Do vencedor de todas as batalhas.

FELIX PACHECO.



Terra da Luz

A João Pinheiro — o inspirado creador das vivissimas paginas do «A' tóa...»

Era dia de festa em casa da velha Thereza.

Naquelle anno de 1887, os festejos de santo Antonio estiveram mais animados do que nunca.

13 de junho.

Terminada a ladainha costumeira, entoada ao pé do tosco altar do santo festejado, logo apòs ao recolhimento da procição, tratou-se, immediatamente, do pagode que deveria ser de espavento. A *juiza* não tinha poupado esforços, e tudo providenciara, no sentido de dar ao final da festa um brilho fóra do commum.

Os tocadores tomaram os seus respectivos logares, fizeram uma ligeira afinação, e, em seguida, se ouviu, como um alegre cantar de guizos ou como um dôce rumorejar de regatos, o baião, o celebre *pesqueiro*, tão querido das moças e tão applaudido pela rapaziada.

As castanholas estalejavam, rithmando as curvêtas e requiebrros das morenas que saracoteavam, ligeiras, e o *samba* continuava no mais elevado gráu de animação e na melhor ordem.

Uma falta, porem, era bastante sentida, principalmente pelos velhos, pelos que não mais sapateavam á beira da vióla, tolhidos pelo rheumatismo, entorpecidos, imprestaveis: — Não estava ali um cantador, um desses conhecidos e adorados poetas do sertão.

— Tambem è só o que falta, dizia o velho Joaquim Co-

risco para o João Mambira, um destimido caçador do animal que lhe dera o appellido, nas matas do Angical.

—Que pena!...

—Ai, meu tempo!... lamentava o Raymundo Mangabeira, no mesmo instante em que procurava retirar da grande fogueira um pequeno tição para accender o cachimbo...

—Um cantador, agora, era mesmo um achado.

—Venha dansar, *sen José*.

E lá se foi o Zé da Chica, todo dengoso ao convite da Mariazinha—uma cabocla roliça e de cabellos encaracolados, por quem, diziam, andava se amofinando o Fura-Moita, um valente conquistador daquellas beiradas.

E... assim proseguia o *samba*.

Os velhos, porem, não se podiam resignar.

—Um pagode sem cantador, dizia um delles, é *cuma de-funto* sem choro ou *sentinella* sem reza.

—Um cantador...

—E' coisa que custa pouco, lembrou, por fim, o Pedro Viuva. Está na *casa grande* o Zé Trahira que, si pudesse, já stava aqui...

—*Apois* o Zé Trahira stá na terra?

—Stá sim; *mas porem* está embirado. Vai ser vendido em Caxias e, por isso, não pôde vir.

—Que pena!...

—Pobre negro!...

—Coitadinho!...

E muitas outras exclamações de verdadeiro sentir foram proferidas por diversos da rôda.

—O que foi que elle fez? inqueriu a velha Thereza do Manoel Bom-fim.

—O que fez? Nada demais. E' negro de vergonha, e, *cuma* o *sinhô*, que é um malvado, lhe mandou dar umas tacadadas, o negro ficou *enfesado*, e prometeu matar o amo na primeira occasião. Stá ahí...

—E agora?...

—Agora? O *sinhô* que é um mofino, um medroso, mandou amarrar o pobrezinho p'ra descer p'ra Caxias.

—Ah, peste! rugio o Chico Vaqueiro, um mulato valentão e que não corria de carêtas.

—Vamos vê se nós traz o negro...

E sahiram uns tres ou quatro, em missão especial: arranjar, com o feitor, licença para que o Zé Trahira cantasse, pela ultima vez, em um pagode da sua terra. Deve ter sido eloquente o orador de tão importante commissão, pois antes de uma hora já estavam todos de volta, trazendo o afamado cantador.

Este era uma verdadeira figura de martyr. As mãos atadas ás costas, a cabeça pendida para a frente, num passo

vagaroso e vacillante, o pobre escravo deixava ver, «através da máscara da face», toda a angústia, todo o pesar sincero e profundo que lhe enlutava a alma grande e sonhadora. Em sua companhia, com o fim de vigial-o, vinham, além dos que foram buscal-o, mais dois auxiliares do feitor. Este, não obstante os insistentes convites, não quiz tomar parte em uma festa onde era procurado e applaudido o seu subalterno, o seu inferior. Não; absolutamente, não. Seria de mau effeito hobrear-se com tal gente . . .

Os tocadores *temperaram*, mais uma vez, as viólas, o circulo dos espectadores se estreitou com interesse, e o negro começou, então, numa toada triste e pungente:

«Vou-me embora, vou-me embora,
Mas juro, com devoção:
Meu corpo vai sem tristeza,
Poís fica meu coração.»

E logo, em seguida, com a mesma enternecedora saudade:

«Triste coisa é ser escravo,
Neste mundo de agonia . . .
E' peccado amar alguém,
E' crime ter alegria . . .»

A róda foi-se féchando cada vez mais, os espectadores foram tomando maior interesse, e o negro, mais inspirado:

«Me perguntou Sinházinha
Por que, triste, eu vou-me embora;
— Quem sabe é meu coração
Que canta, suspira e chora.»

Crescia o entusiasmo. Os guardas metteram-se na dança, o Zé Trahira descrevia, em sentidas estrophes, todos os horrores da escravidão; algumas velhas soluçavam e o *samba* continuava numa original mistura de pesares e de alegrias, de risos e de tristezas.

A lua, a grande «medalha real da exposição celeste», vagando pela immensa avenida das estrellas, derramava, por sobre a areia prateada do terreiro, a sua pallida luz, banho lustral de inspirações divinas para as almas soffredoras, para os corações torturados. Houve, porém, um instante em que um trapo de nuvem, como se fôra um ligeiro e rapido eclipse que durasse apenas alguns segundos, empannou a dôce claridade do luar. Nesse momento, alguém se approximou do desventurado, falou-lhe baixo, ao ouvido, e desapareceu por entre os outros convivas.

Poucos, ou quasi ninguem, notaram a originalidade daquelle

segredo. Quem quér, porem, que tivesse attentado naquella particularidade, notaria, por força, que a physionomia do negro-poeta como que se illuminou de estranha felicidade—o que elle proprio não tardou em confirmar, com este improviso :

«Um sonho bom tive, agora;
—Venturas que Deus me deu:
Lá do céo, puro e formoso,
Um anjo, rindo, desceu...
O santo que é festejado
O meu pedido attendeu...»

Uma mulher, uma das mais formosas trigueiras, a rainha do *samba*, a Mariazinha, fôra, na realidade, a pessoa ou o anjo que, aproveitando a meia obscuridade, impulsionado pelo seu coração sensível e terno, se approximára do cantador, munido de uma pequena faca de cozinha. Falar ao ouvido do priscineiro, dar-lhe ligeiros planos de fuga e cortar as cordas que lhe algemavam os braços, pelo lado das costas, foi tudo isso trabalho de um momento.

Quando a nuvem pequenina, deixou, enfim, que a lua, mais uma vez, se mirasse no liso e tranquillo espelho do lago vizinho, já ella, a formosa libertadora, a obscura abolicionista piaubyense, deslizava suavemente, em tentadores meneios voluptuosos, ao som convidativo das viólas...

. . .

O sol, o velho monge de barbas de fogo, doirando o azulado pincaro das montanhas distantes, deixa, por fim, cahir por sobre o verde lençol das campinas em flôr, o oiro faiscante da sua luz, os doirados jorros dos seus raios de chamma.

O terreiro está quasi deserto. Poucas pessoas restam, e, dentre ellas, estendidos á sombra do outão da pequenina choupana, se destacam os dois guardas, os dois cabos de guerra do feitor, estupidamente bebidos, completamente embriagados. E, enquanto os dois valentes sentinellas dormem o tranquillo somno da imbecilidade, o Zé Trahira caminha, apressadamente, rumo do Ceará—a bemdita «Terra da Luz», entoando, baixinho, ao longo dos compridos caminhos, a sua ultima estrophe, improvisada, ao amanhecer, quando, pela ultima vez, cantara em sua terra :

«Adeus, adeus! Vou-me embora...
Não sei se torno a voltar;
Mas Deus é grande, e bem pôde
O captiveiro acabar...»

e
n
e
r
a
o
o

Bibliographia

Recebemos em março e abril:

ODORICO CASTELLO BRANCO. *Arithmetica primaria* (2.^o livro, 3.^a ed.). O numero das edições que já tem esse livro interessante e util, é a primeira de suas recommendações. Claro, methodico, bem escripto, é muito justa e natural a acceitação que obteve.

Vê-se que sahiu das mãos de um professor, de quem conhece as difficuldades do ensino, a necessidade de ficar á altura da intelligencia das creanças para que aproveitem. Dedicando-se ao magisterio ha longos annos, voltando para ahi todas as suas energias, Odorico Castello Branco que, ao lado de uma cultura solida, reúne superiores qualidades de observação, conseguiu amptamente seus fins. E', pois, motivo para os nossos parabens e os apresentamos nestas ligeiras notas que não comportam o estudo que merece seu livro,

AFFONSO COSTA, *Almachio Diniz*. Num folheto de 64 paginas, estuda Affonso Costa o perfil literario do illustre homem de letras que é Almachio Diniz. E' uma leitura interessante e agradável, que denuncia bellas qualidades de prosador no jovem e festejado escriptor bahiano.

DARIO VELLOSO. *Rudel, episodio medievo*. O incansavel beletrista paranaense augmentou sua já numerosa bagagem literaria com um bem feito poema. A idéa vem magnificamente enroupada em versos de peregrino lavor.

r
o
a
e
e
ri-

Não é somente a forma, entretanto, o que recommenda o livro. O autor, que é profundo sabedor de assumptos de historia, apanha, com fidelidade, costumes da idade media,—o que faz de RUDEL mais do que um livro de arte—um trabalho de erudição.

Aqui não o estudamos: carencia de espaço não nol-o permite. Mas, bem merece a attenção dos estudiosos e muito honra o intenso meio mental que é a capital do hospitaleiro Estado do sul.

AUGUSTO MEIRA. *Direito e arbitrio*. O illustrado lente da Escola de Direito do Pará escolheu para assumpto do seu ultimo livro uma das questões mais debatidas e sempre aberta de Direito Constitucional: a interpretação do art. 11 n.º 1 do Pacto de 24 de fevereiro. Defende com enthusiasmo a doutrina que os Estados podem tributar mercadorias importadas de outros, sò não podendo fazel-o quando se trate de *transito*.

E' uma bella monographia que despertará a attenção dos competentes.

NOVO MANUAL DA LINGUA PORTUGUEZA, por «uma reunião de professores». Livraria Francisco Alves. Não é um trabalho original e nem podia ser nos moldes em que foi traçado. E', no entanto, um livro util—e que será adoptado—com aproveitamento para os alumnos de portuguez. Os autores, emquanto expõem as regras geraes que presidem aos factos da lingua vernacula, accumulam 758 estudos praticos—exercicios de grammatica, recitação, lexicologia, exposição oral, composição &c. Só isto fôra bastante para o recommendar aos que pensam, como nós, que o ensino das linguas deve sahir as regras abstractas, as mais das vezes decoradas por em incomprehendidas, para o terreno das applicações praticas. De outro modo, é levar o alumno do abstrato para o concreto—principio condemnado hoje, universalmente.

Dahi, o interesse com que abrimos e lemos o *Novo Manual*.

A CRUZADA, sob a direcção de Alf. Castro. Fortaleza. Revista mensal de perto de 30 paginas, com um numeroso corpo de collaboradores em que figuram Soriano de Albuquerque, Alves Lima, Antonio Salles, Clovis Bevilaqua, e úa multidão de nomes festejados,—o seu primeiro numero, que temos presente, está um primor no fundo e na forma.

ARISTIDES ROCHA. *Excussão de penhor*. Manaus. Trata-se de úa minuta de aggravo a proposito de um caso de excussão de penhor. O contracto de penhor é, nas 18 paginas da minuta, estudado em todos os seus aspectos, numa exposição clara e rigorosamente juridica, em face das leis que o regem